This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

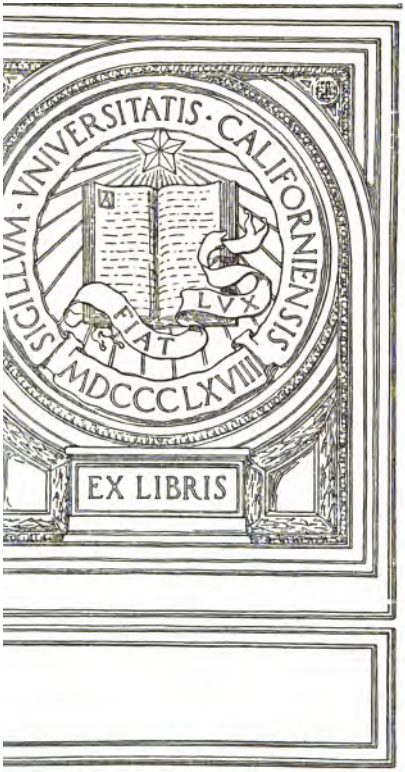
A DU BOCAGE

PQ 9261 B356

YC171756

Digitized by Google

Digitized by Google



Digitized by Google

Cada volume — [illegible]

BOCAGE

O Livro dos S

Digitized by Google

GIFT

Digitized by Google

BIBLIOTHECA UNIVERSAL
ANTIGA E MODERNA

Barbosa du **BOCAGE**,

O LIVRO DOS SONETOS

8.ª EDIÇÃO, ESMERADAMENTE REVISTA

19.ª SERIE — NUMERO 76

LISBOA
"A EDITORA"
50, Largo do Conde Barão, 50

RIO DE JANEIRO
Rua do Ouvidor, 166

S. PAULO
Rua de S. Bento, 65

BELLO HORIZONTE
Rua da Bahia

1908

Digitized by Google

MEMORIAM

PRESERVATION
COPY ADDED
MF 3/90

Menezes Pedro
GIFT

Typ. da «A Editora» — Largo do Conde Barão, 50 — Lisboa

Digitized by Google

PQ9261
B356
1908

O LIVRO DOS SONETOS

I

Incultas producções da mocidade
Exponho a vossos olhos, ó leitores:
Vêde as com mágua, vêde-as com piedade,
Que ellas buscam piedade, e não louvores:

Ponderae da fortuna a variedade
Nos meus suspiros, lagrimas e amores!
Notae dos males seus a immensidade,
A curta duração de seus favores:

E se entre versos mil de sentimento
Encontrardes alguns, cuja apparencia
Indique festival contentamento,

Crêde, ó mortaes, que foram com violencia.
Escriptos pela mão do Fingimento,
Cantados pela voz da Dependencia.

A noticia biographica de *Bocage* encontra-se á frente do volume 32 d'esta *Bibliotheca*.

M745095

Digitized by Google

IN MEMORIAM
Joaquim

II

Chorosos versos meus desentoados,
Sem arte, sem belleza, e sem brandura,
Urdidos pela mão da desventura,
Pela baça tristeza envenenados:

Vêde a luz, não busqueis, desesperados,
No mudo esquecimento a sepultura;
Se os ditosos vos lêrem sem ternura,
Lêr-vos-hão com ternura os desgraçados:

Não vos inspire, ó versos, cobardia,
Da satira mordaz o furor louco,
Da maldizente voz e tyrannia:

Desculpa tendes, se valeis tão pouco;
Que não pode cantar com melodia
Um peito, de gemer cansado e rouco.

III

De suspirar em vão já fatigado,
Dando tregua a meus males eu dormia;
Eis que junto de mim sonhei que via
Da morte o gesto livido e mirrado:

Curva fouce no punho descarnado
Sustentava a cruel, e me dizia:
"Eu venho terminar tua agonia;
Morre, não penes mais, ó desgraçado!"

Quiz ferir-me, e de Amor foi atalhada,
Que armado de cruentos passadores
Apparece, e lhe diz com voz irada:

Emprega n'outro objecto os teus rigores;
"Que esta vida infeliz está guardada
Para victima só de meus furores."

Digitized by Google

IV

Raios não peço ao creador do mundo,
Tormentas não supplico ao rei dos mares,
Vulcões á terra, furacões aos ares,
Negros monstros ao bárathro profundo:

Não rogo ao deus d'amor que furibundo
Te arremesse do pé de seus altares;
Ou que a peste mortal vôe a teus lares,
E murche o teu semblante rubicundo:

Nada imploro em teu damno, ainda que os laços
Urdidos pela fé, com vil mudança
Fizeste, ingrata Nize, em mil pedaços:

Não quero outro despique, outra vingança,
Mais que vêr-te em poder de indignos braços,
E dizer quem te perde, e quem te alcança.

V

Já sobre o coche d'ebano estrellado
Deu meio giro a noite escura e feia;
Que profundo silencio me rodeia
N'este deserto bosque, á luz vedado!

Jaz entre as folhas Zephyro abafado,
O Tejo adormeceu na liza areia;
Nem o mavioso rouxinol gorgeia,
Nem pia o mocho, ás trevas costumado:

Só eu velo, só eu, pedindo á sorte
Que o fio, com que está minha alma prêsa
A vil materia languida, me córte;

Consola-me este horror, esta tristeza;
Porque a meus olhos se afigura a morte
No silencio total da natureza.

Digitized by Google

VI

Mavorte, porque em perfida cilada
O cruel moço aligero o ferira,
Não faz caso da mãe, que chora e brada,
Quer punir o traidor, que lhe fugira:

Na sinistra o pavez, na destra a espada,
Nos igneos olhos fuzilante a ira,
Pula á negra carroça ensanguentada,
Que Bellona infernal co'as Furias tira:

Assim parte, assim vôa; eis que vê posto
No collo de Marilia o deus alado,
No collo aonde tem mimoso encosto:

Já Marte arroja as armas, e aplacado
Diz, inclinando o formidavel rosto:
"Valha-te, Amor, esse logar sagrado!"

VII

Ao templo do propicio Desengano
A próvida Razão guiou meus passos;
Por vêr-me, louco já, mordendo os laços
Os duros laços de um amor profano:

Ajoelho ante o numen soberano,
Mostro-lhe os roxos, os captivos braços,
Dizendo-lhe: — "Gran deus, faze em pedaços
Os ferros, que me pôz Amor tyranno!"

A deidade, inimiga da Esperança,
Me responde: — "Eu te livro do flagello
Que opprime os corações; mortal, descança."

Eis que, brandindo um lucido cutelo,
Meus ferros corta, e logo da lembrança
Me escapa de Marfida o rosto bello.

Digitized by Google

VIII

Não, Marilia, teu gesto vergonhoso,
A luz dos olhos teus, serena e pura,
Teu riso, que enche as almas de ternura,
Agora meigo, agora desdenhoso;

Tua candida mão, teu pé mimoso,
Tuas mil perfeições, crêr que a ventura
As guarda para mim, fôra loucura;
Nem sou digno de ti, nem sou ditoso:

E que mortal emfim, que peito humano
Merece os braços teus, ó nympha amada?
Que Narciso? Que heroe? Que soberano?

Mas que lê minha mente illuminada!...
Céos!... Penetro o futuro!... Ah, não me engano;
De Jove para o thoro estás guardada.

IX

A loura Filis, na estação das flores,
Commigo passeou por este prado
Mil vezes, por signal trazia ao lado
As Graças, os Prazeres, e os Amores.

Quantos mimos então, quantos favores,
Que innocente affeição, que puro agrado
Me não viram gosar (oh dôce estado!)
Mordendo-se de inveja os mais pastores!

Porém, segundo o feminil costume,
Já Filis se esqueceu do amor mais terno,
E com Jonio se ri de meu queixume.

Ah! se nos corações fôsses eterno,
Tormento abrasador, negro ciume,
Serias tão cruel como os do inferno!

Digitized by Google

IN MEMORIAM

X

Marilia, nos teus olhos buliçosos
Os Amores gentis seu facho accendem;
A teus labios voando os ares fendem
Ternissimos desejos sequiosos:

Teus cabellos subtis e luminosos
Mil vistas cegam, mil vontades prendem;
E em arte aos de Minerva se não rendem
Teus alvos, curtos dedos melindrosos:

Reside em teus costumes a candura,
Móra a firmeza no teu peito amante,
A razão com teus risos se mistura:

És dos Céos o composto mais brilhante;
Deram-se as mãos Virtude e Formosura
Para crear tua alma, e teu semblante.

XI

Negra féra, que a tudo as garras lanças;
Já murchaste, insensivel a clamores,
Nas faces de Tirsalia as rubras flores,
Em meu peito as viçosas esperanças:

Monstro, que nunca em teus estragos cansas,
Vê as tres Graças, vê os nús Amores
Como praguejam teus crueis furores,
Ferindo os rostos, arrancando as tranças!

Domicilio da noite, horror sagrado,
Onde jaz destruida a formosura,
Abre-te, dá logar a um desgraçado:

Eis desço... eis cinzas palpo... Ah! Morte dura
Ah! Tirsalia! Ah! meu bem, resto adorado!...
Torna, torna a fechar-te, ó sepultura!

Digitized by Google

XII

De Paphos o menino ardendo em ira,
Porque uma ingrata as suas leis detesta,
Tão grave insulto despicar protesta,
E a domar-lhe a altivez, teimoso, aspira:

Dormindo encontra a desdenhosa Elmira,
Sobre a mão reclinada a nivea testa:
"Teu genio (diz) amansarei com esta
Farpa subtil„ — e do carcaz a tira:

Mas a bella Acidalia, a quem sómente
Rende o travêsso infante vassallagem,
Lhe apparece, e lhe grita: "Amor, detem-te!

"Tu, filho, que não soffres que me ultragem,
Elvira vens ferir, irreverente!
N'ella de tua mãe não vês a imagem?„

XIII

Ó tranças, de que Amor prisões me tece,
Ó mãos de neve, que regeis meu fado!
Ó thesouro! ó mysterio! ó par sagrado,
Onde o menino aligero adormece!

Ó lêdos olhos, cuja luz parece
Tenue raio do sol! Ó gesto amado,
De rosas e assucenas semeado,
Por quem morrêra esta alma, se pudesse!

Ó labios, cujo riso a paz me tira,
E por cujos dulcissimos favores
Talvez o proprio Jupiter suspira!

Ó perfeições! ó dons encantadores!
De quem sois?.. Sois de Venus? — É mentira;
Sois de Marilia, sois de meus amores.

Digitized by Google

XIV

Já se afastou de nós o Inverno agreste
Envolto nos seus humidos vapores:
A fertil Primavera, a mãe das flores
O prado ameno de boninas veste:

Varrendo os ares o subtil Nordeste
Os torna azues; as aves de mil côres
Adejam entre Zephyros e Amores,
E toma o fresco Tejo a côr celeste:

Vem, ó Marilia, vem lograr commigo
D'estes alegres campos a belleza,
D'estas copadas arvores o abrigo:

Deixa louvar da côrte a vã grandeza:
Quanto me agrada mais estar comtigo
Notando as perfeições da Natureza!

XV

Grato silencio, trémulo arvoredo,
Sombra propicia aos crimes, e aos amores,
Hoje serei feliz! — Longe, temores,
Longe, phantasmas, illusões do medo.

Sabei, amigos Zephyros, que cedo
Entre os braços de Nize, entre estas flores
Furtivas glorias, tacitos favores
Hei de emfim possuir; porém segredo!

Nas azas frouxos ais, brandos queixumes
Não leveis, não façaes isto patente,
Que nem quero que o saiba o pae dos numes:

Cale-se o caso a Jove omnipotente,
Porque se elle souber, terá ciumes,
Vibrará contra mim seu raio ardente.

Digitized by Google

XVI

Temo que a minha ausencia e desventura
Vão na tua alma docemente accesa,
Apoucando os excessos da firmeza,
Rebatendo os assaltos da ternura:

Temo que a tua singular candura
Leve o Tempo fugaz nas azas prêsa,
Que é quasi sempre o vicio da belleza
Genio mudavel, condição perjura:

Temo; e se o fado máu, fado inimigo,
Confirmar impiamente este receio,
Spectro perseguidor, que anda commigo,

Com rosto, alguma vez de magua cheio,
Recorda-te de mim, dize comtigo:
"Era fiel, amava-me, e deixei-o."

XVII

Emquanto o sabio arreiga o pensamento
Nos phenomenos teus, ó Natureza,
Ou solta arduo problema, ou sobre a mesa.
Volve o subtil geometrico instrumento:

Emquanto, alçando a mais o entendimento,
Estuda os vastos céos, e com certeza
Reconhece dos astros a grandeza,
A distancia, o logar, e o movimento:

Emquanto o sabio, emfim, mais sabiamente
Se remonta nas azas do sentido
A' côrte do Senhor omnipotente:

Eu louco, eu cégo, eu misero, eu perdido
De ti só trago cheia, ó Jonia, a mente;
Do mais, e de mim mesmo ando esquecido.

Digitized by Google

XVIII

Afflicto coração, que o teu tormento,
Que os teus desejos tacito devoras,
E ao doce objecto, ás perfeições que adoras,
Só te vás explicar c'o pensamento:

Infeliz coração, recobra alento,
Sécca as inuteis lagrimas, que choras;
Tu cevas o teu mal, porque demoras
Os vôos ao ditoso atrevimento.

Inflamma surdos ais, que o medo esfria;
Um bem tão suspirado, e tão subido,
Como se ha de ganhar sem ousadia?

Ao vencedor afoute-se o vencido;
Longe o respeito, longe a cobardia;
Morres de fraco? Morre de atrevido.

XIX

Por esta solidão, que não consente
Nem do sol, nem da lua a claridade,
Ralado o peito já pela saudade,
Dou mil gemidos a Marilia ausente:

De seus crimes a mancha inda recente:
Lava Amor, e triumpha da verdade;
A belleza, apesar da falsidade.
Me occupa o coração, me occupa a mente;

Lembram-me aquelles olhos tentadores,
Aquellas mãos, aquelle riso, aquella
Bôcca suave, que respira amores...

Ah! trazei-me, illusões, a ingrata, a bella!
Pintae-me vós, ó sonhos, entre flores
Suspirando outra vez nos braços d'ella!

Digitized by Google

XX

Marilia, se em teus olhos attentara,
Do estellifero solio reluzente
Ao vil mundo outra vez o omnipotente,
O fulminante Jupiter baixara:

Se o deus, que assanha as Furias, te avistara
As mãos de neve, o collo transparente,
Suspirando por ti, do chaos ardente,
Surgira á luz do dia, e te roubara:

Se a vêr-te de mais perto o sol descêra:
No aureo carro veloz dando-te assento
Até da esquiva Daphne se esquecêra:

E se a força egualasse o pensamento
O' alma da minha alma, eu te off'recêra
Com ella a terra, o mar, e o firmamento.

XXI

O corvo grasnador, e o mocho feio,
O sapo berrador, e a rã molesta,
São meus unicos socios na floresta,
Onde carpindo estou, de angustia cheio:

Perdi todo o prazer, todo o recreio...
Ah! malfadado amor, paixão funesta!
Ursulina perdi, nada me resta;
Madre terra! Agasalha-me em teu seio:

Da vibora mordaz permitte, ó Sorte,
Que nos matos asperrimos que piso,
As plantas me envenene o tenue corte!

Ah! Que é das graças? Que é do paraiso?
A minha alma onde está? Quem logra... ó Morte,
Quem logra de Ursulina o doce riso?

Digitized by Google

IN MEMORIAM
Joaqu

XXII

Guiou-me ao templo do lethal ciume
A desesperação, que em mim fervia;
O cabello de horror se me arripia
Ao recordar o formidavel nume:

Fumegava-lhe aos pés tartareo lume,
Crespa serpa as entrenhas lhe roía;
Eram ministros seus a Aleivosia,
O Susto, a Morte, a Cólera, o Qeixume:

"Cruel! (grito em phrenetico transporte)
Dos socios teus, no bárathro gerados,
Dá-me um só, que te invejo, a Morte, a Morte:

— "Cessa (diz), os teus rogos são baldados:
Querem ter-te no mundo Amor e a Sorte,
Para consolação dos desgraçados."

XXIII

Ancias terriveis, intimos tormentos,
Negras imagens, horridas lembranças,
Amargosas, mortaes desconfianças,
Daixae-me socegar alguns momentos:

Soffrei que logre os vãos contentamentos
Que sonham minhas doudas esperanças;
A posse de alvo rosto, e louras tranças,
Onde presos estão meus pensamentos:

Deixae-me confiar na formosura,
Crueis! Deixae-me crêr n'um doce engano,
Blasonar de phantastica ventura.

Que mais mal me quereis, que maior damno
Do que vagar nas trevas da loucura,
Aborrecendo a luz do desengano?

Digitized by Google

XXIV

Olha, Marilia, as flautas dos pastores
Que bem que sôam, como estão cadentes!
Olha o Tejo a sorrir-se! Olha, não sentes
Os Zephyros brincar por entre as flores?

Vê como alli beijando-se os Amores
Incitam nossos osculos ardentes!
Eil-as de planta em planta as innocentes,
As vagas borboletas de mil côres!

N'aquelle arbusto o rouxinol suspira,
Ora nas folhas a abelhinha pára,
Ora nos ares sussurrando gira:

Que alegre campo! Que manhã tão clara!
Mas, ah! Tudo o que vês, se eu te não vira,
Mais tristeza que a morte me causara.

XXV

Fiei-me nos sorrisos da ventura,
Em mimos femenis, como fui louco!
Vi raiar o prazer; porém tão pouco
Momentaneo relampago não dúra:

No meio agora d'esta selva escura,
Dentro d'este penedo humido e ouco,
Pareço, até no tom lugubre, e rouco
Triste sombra a carpir na sepultura:

Que estancia para mim tão propria é esta!
Causaes-me um doce, e funebre transporte,
Aridos matos, lobrega floresta!

Ah! não me roubou tudo a negra sorte:
Inda tenho este abrigo, inda me resta
O pranto, a queixa, a solidão e a morte.

Digitized by Google

XXVI

Arde em vão por Elisa, em vão porfia
Contra a constancia da heroina augusta
O barbaro senhor d'Africa adusta,
Que do sangue de Jove se gloria:

Em vão lhe off'rece a vasta monarchia,
Aonde a espadua atlantica robusta
Sustenta os céos, o caminhante assusta,
E horridos monstros indomaveis cria:

Não cede Elisa; e vendo que furioso
Usa da fôrça o lybico tyranno,
Ella intrepida escolhe um fim glorioso.

Mentes, mentes, injusto mantuano!
Dido infeliz foi victima do esposo,
Foi victima da fé, não do troyano.

XXVII

Ha pouco a mãe das Graças, dos Amôres,
Gerada pela espuma crystallina,
Baixou da etherea região divina
Nas azas dos Favonios voadores:

"O' das margens do Tejo habitadores!
Hoje torna a luzir (disse Ericina)
O lêdo instante em que nasceu Marina,
Inclicto fructo de inclitos maiores:

"Do céo, do mar, da terra os soberanos
Imprimindo-lhe encantos a milhares,
Crearam n'ella a gloria dos humanos:

"Eis, cantae lhe os dotes singulares
Louvae seus olhos, applaudi seus annos,
Queimae-lhe aromas, erigi-lhe altares.

Digitized by Google

XXVIII

A teus mimosos pés, meu bem, rendido,
Confirmo os votos, que a traição manchara;
Fumam de novo incensos sobre a ara,
Que a vil ingratidão tinha abatido:

De novo sobre as azas de um gemido
Te off'reço o coração, que te aggravara;
Saudoso torno a ti, qual torna á cara
Perdida patria o misero banido:

Renovemos o nó por mim desfeito,
Que eu já maldigo o tempo desgraçado
Em que a teus olhos não vivi sujeito;

Concede-me outra vez o antigo agrado;
Que mais queres? Eu choro, e no meu peito
O punhal do remorso está cravado.

XXIX

Os suaves effluvios, que respira
A flôr de Venus, a melhor das flores,
Exhalas dos teus labios tentadores,
O' dôce, ó bella, ó desejada Elmira;

A que nasceu das ondas, se te vira,
A seu pesar cantara os teus louvores;
Ditoso quem por ti morre d'amores!
Ditoso quem por ti, meu bem, suspira!

E mil vezes ditoso o que merece
Um teu furtivo olhar, um teu sorriso,
Por quem da mãe formosa Amor se esquece!

O sacrilego atheu, sem lei, sem siso,
Contemple-te uma vez, que então conhece
Que é fôrça haver um Deus, e um paraiso.

Digitized by Google

XXX

Esses thesouros, esses bens sagrados
Para os cegos mortaes, bens de que abunda
Asia guerreira, America fecunda,
Filhos da terra, pelo sol gerados:

Honras, grandezas, titulos inchados
Servil incenso, adulação jocunda,
Não quero, não, que sobre mim diffunda
Amiga destra de risonhos Fados:

Quero que as Furias horridas m'escoltem,
Quero que contra mim, que em vão deliro,
Os racionaes e irracionaes se voltem:

Quero da morte o formidavel tiro,
Comtanto, ó Jonia, que meus labios soltem
N'esses teus labios o final suspiro.

XXXI

Meu fragil coração, para que adoras,
Para que adoras, se não tens ventura?
Se uns olhos, de quem ardes na luz pura,
Folgando estão das lagrimas que choras?

Os dias vês fugir, voar as horas
Sem achar n'elles visos de ternura;
E ainda a louca esperança te figura
O premio dos martyrios, que devoras!

Desfaze as trevas de um funesto engano,
Que não has de vencer a inimizade
De um genio contra ti sempre tyranno:

A justa, a sacro-santa divindade
Não fórça, não violenta o peito humano,
E queres constranger-lhe a liberdade?

Digitized by Google

XXXII

Os garços olhos, em que Amor brincava,
Os rubros labios, em que Amor se ria,
As longas tranças, de que Amor pendia,
As lindas faces, onde Amor brilhava:

As melindrosas mãos, que Amor beijava,
Os niveos braços, onde Amor dormia,
Foram dados, Armania á terra fria,
Pelo fatal poder que a tudo aggrava:

Seguiu-te Amor ao tacito jazigo,
Entre as irmãs cobertas de amargura;
E eu que faço (ai de mim!) como os não sigo!

Que ha no mundo que ver, se a formosura,
Se Amor, se as Graças, se o prazer comtigo
Jazem no eterno horror da sepultura?

XXXIII

Não disfarces, Marilia; por Josino
Já nos teus olhos a paixão flammeja;
E em que parte estará, que se não veja
O tenro deus, o aligero menino?

Inda que ostente de animo ferino,
Ha quem teu niveo peito abrase, e reja;
Porém, Marilia, dize-me qual seja
A causa justa de um amor tão fino?

N'esse, que as esquivanças te suavisa,
Encontras uma férvida ternura,
Um coração brioso, uma alma liza?

Seus meritos quaes são?... Mas, ó loucura!
Quem é feliz, que meritos precisa?
Que dons ha de mistér quem tem ventura?

Digitized by Google

IN MEMORIAM
Joaqu

XXXIV

Ursulina gentil, benigna, e pura,
Eis nas azas subtis de um ai cansado
A ti meu coração vôa alagado
Em torrentes de sangue, e de ternura:

Põe-lhe os olhos, meu bem; vê com brandura
Seu miseravel, doloroso estado;
Que nas garras da morte já cravado
A fé, que te jurava, inda te jura:

Põe-lhe os olhos, meu bem, suavemente,
Põe-lhe os mimosos dedos na ferida,
Palpa de Amor a victima innocente:

E por milagre d'elles, ó querida,
Verás cerrar-se o golpe, e de repente
Em ondas de prazer tornar-lhe a vida.

XXXV

Em veneno lethifero nadando
No roto peito o coração me arqueja;
E ante meus olhos horrido negreja
De mortaes afflicções espesso bando:

Por ti, Marilia, ardendo, e delirando
Entre as garras asperrimas da Inveja,
Amaldiçõo Amor, que ri, e adeja
Pelos ares, c'os Zephyros brincando:

Recreia-se o traidor com meus clamores,
E meu cioso pranto... ó Jove, ó nume
Que vibras os coriscos vingadores!

Abafa as ondas do tartareo lume,
Que para os que provocam teus furores
Tens inferno peor, tens o ciume.

Digitized by Google

XXXVI

Do arbusto, a Nize, a Venus consagrado
Envisquei hoje um trémulo raminho;
Pousou n'elle este incauto passarinho,
E pelos tenros pés ficou pegado:

Então, depois de o ter na mão fechado,
Corri, dizendo alegre: — Eu adivinho
Que ha de Nize estimar, que o meu carinho
Lhe dedique este musico do prado.

Disse; e no mesmo instante a simples ave
Desata a linda voz, e principia
Um canto harmonioso, agudo, e grave:

Ah! por ser tua, entendo que dizia
Que a prisão, mais gostosa e mais suave
Que a propria liberdade encontraria!

XXXVII

Ó retrato da morte, ó noite amiga
Por cuja escuridão suspiro ha tanto!
Calada testemunha do meu pranto,
De meus desgostos secretária antiga!

Pois manda Amor, que a ti sómente os diga,
Dá-lhes pio agasalho no teu manto;
Ouve-os, como costumas, ouve, emquanto
Dorme a cruel, que a delirar me obriga:

E vós, ó cortezãos da escuridade,
Phantasmas vagos, mochos piadores,
Inimigos, como eu, da claridade!

Em bandos acudi aos meus clamores;
Quero a vossa medonha sociedade,
Quero fartar meu coração de horrores.

Digitized by Google

XXXVIII

Vinde, prazeres, que por entre as flores
Nos jardins de Cythéra andaes brincando,
E vós, despidas Graças, que dansando
Trinaes alegres sons encantadores:

Deusa dos gôstos, deusa dos amores,
Ah! dos filhinhos teus ajunta o bando,
E vem nas azas de Favonio brando
Dar fôrça, dar belleza a meus louvores.

Da linda Anarda minha voz aspira
A cantar o natal; tu, por clemencia,
A teu fiel cantor, deidade, inspira:

Do thracio vate empresta-me a cadencia,
E faze que mereça a minha lyra
Os candidos sorrisos da innocencia.

XXXIX

Canta ao som dos grilhões o prisioneiro,
Ao som da tempestade o nauta ousado,
Um, porque espera o fim do captiveiro,
Outro, antevendo o porto desejado:

Exposta a vida ao tigre mosqueado
Gira sertões o soffrego mineiro,
Da esperança dos lucros encantado,
Que anima o peito vil, e interesseiro:

Por entre armadas hostes destemido
Rompe o sequaz do horrifico Mavorte,
C'o triumpho, co'a gloria no sentido;

Só eu (tyranno Amor! tyranna sorte!)
Só eu por Nize ingrata aborrecido
Para ter fim meu pranto espero a morte.

Digitized by Google

XL

Entre as tartareas forjas, sempre accesas,
Jaz aos pés do tremendo, estygio nume,
O carrancudo, o rabido Ciume,
Ensanguentadas as corruptas presas:

Traçando o plano de crueis empresas,
Fervendo em ondas de sulfureo lume,
Vibra das fauces o lethal cardume
De horridos males, de horridas tristezas;

Pelas terriveis Furias instigado
Lá sae do inferno, e para mim se avança
O negro monstro, de áspides toucado:

Olhos em brasa de revés me lança;
Ó dor! Ó raiva! Ó morte!... Eil o a meu lado,
Ferrando as garras na viperea trança.

XLI

Pela porta de ferro, onde ululando
O cão trifauce está perpetuamente,
Entraste, Orpheu, co'a cythara eloquente
Os monstros infernaes domesticando:

Penedos com teus sons amontoando
Lá ergues Thebas, Amphion cadente;
Pulsa Arion a lyra, e de repente
Vê delphins, vê tritões no mar dansando:

Tu, linguagem do Céo, tu, melodia,
A tudo encantas, para tudo és forte,
Menos para aplacar a ingrata Armia:

Mais facil te ha de ser, domando a sorte,
Ir de novo á tartarea monarchia
Vêr outra vez o carcere da morte!

Digitized by Google

IN MEMORIAM
Joaqu

XLII

Triste quem ama, cego quem se fia
Da feminina voz na vã promessa!
Aspira a vêl-a estavel! Mais depressa
O facho apagará, que espalha o dia:

Alada exhalação, que na sombria
Tacita noite os ares atravessa,
Foi commigo a paixão voluvel d'essa
Que o peito me afagava, e me feria:

Do desengano o balsamo lhe applico,
E a teus laços, Amor, sem medo exponho
Dos beneficos Céos o dom mais rico:

Vejo mil Circes placido, risonho;
E se fé me promettem, ouço, e fico
Como quem despertou de aereo sonho.

XLIII

Busquei n'um ermo Algania feiticeira,
Que de abrasado feixe a par jazia;
Fui vêr se atro conjuro me extorquia
Do laço antigo esta alma prisioneira;

Expuz-lhe minha fé, minha cegueira,
Tracei meus males, e a rugosa estria
Cedendo ás ternas máguas, que me ouvia,
Cuspiu tres vezes na voraz fogueira:

Trémulas preces murmurou, e eu mudo;
Eis que as melenas, em signal d'espanto,
Erriça com semblante carrancudo:

"Meu rito é vão (me diz) e é vão teu pranto;
O poderoso Amor zomba de tudo,
Não vence encanto algum d'Amor o encanto."

Digitized by Google

XLIV

Importuna Razão, não me persigas;
Cesse a rispida voz que em vão murmura;
Se a lei do Amor, se a fôrça da ternura
Nem domas, nem contrastas, nem mitigas:

Se accusas os mortaes, e os não abrigas,
Se (conhecendo o mal) não dás a cura,
Deixa-me a apreciar minha loucura,
Importuna Razão, não me persigas.

E' teu fim, teu projecto encher de pejo
Esta alma, fragil victima d'aquella
Que, injusta e vária, n'outros laços vejo:

Queres que fuja de Marilia bella,
Que a maldiga, a desdenhe; e o meu desejo
E' carpir, delirar, morrer por ella.

XLV

Ó trevas, que enluctaes a natureza,
Longos cyprestes d'esta selva annosa,
Mochos de voz sinistra, e lamentosa,
Que dissolveis dos fados a incerteza:

Manes, surgidos da morada accessa
Onde de horror sem Plutão se gosa,
Não aterreis esta alma dolorosa,
Que é mais triste que vós, minha tristeza:

Perdi o galardão da fé mais pura,
Esperança frustei do amor mais terno,
A posse de celeste formosura:

Volvei pois, sombra vãs, ao fogo eterno;
E lamentando a minha desventura.
Movereis á piedade o mesmo inferno.

Digitized by Google

XLVI

No carro de marfim sentada a Lua
Da antiga mãe das sombras triumphava,
Quando a furtivos gôstos me guiava
Amor, a quem me entrega a sorte crua:

"Hoje (me disse o nume) ha de ser tua
A nympha mais gentil, que o Tejo lava;
Não deram tanta gloria á minha aljava
Nem Venus a carpir, nem Tethis núa;

"Alli dorme o teu bem... vê, que momento...„
Olho, corro anhelante, aos pés lhe caio,
Mas tentando abraçal a, abraço o vento:

Meu peito arqueja em subito desmaio;
Eis que sôa esta voz de horrendo accento;
"Profano! Expia o crime, e teme o raio!„

XLVII

Inda em meu fragil coração fumega
A cinza d'esse fogo em que ella ardia;
A memoria da tua aleivòsia
Meu socego ainda aqui desassocega:

A vil traição, que as almas nos despega,
Não tem cabal poder na sympathia;
Gasta o mar importuno a rocha fria,
Melhor que o desengano a paixão cega:

Bem como o flavo sol que a terra abraça,
Por mais que o veja densamente opposto,
Attrahido vapor fere, e repassa:

Tal, para misturar gôsto e desgôsto,
Na sombra de teus crimes brilha a graça,
Com que o prodigo Céo creou teu rosto.

Digitized by Google

XLVIII

Já o Inverno, expremendo as cans nevosas,
Geme, de horrendas nuvens carregado;
Luz o aereo fuzil, e o mar inchado
Investe ao pólo em serras escumosas;

Ó benignas manhãs! tardes saudosas,
Em que folga o pastor, medrando o gado,
Em que brincam no hervoso e fertil prado
Nymphas e Amores, Zephyros e Rosas!

Voltae, retrocedei, formosos dias:
Ou antes vem, vem tu, doce belleza
Que n'outros campos mil prazeres crias;

E ao vêr-te sentirá minha alma accesa
Os perfumes, o encanto, as alegrias
Da estação, que remoça a natureza.

XLIX

Mimosa, linda Anarda, attende, attende
Ás doces máguas do rendido Elmano;
Co'um meigo riso, co'um suave engano
Consola o triste amor, que não te offende:

De teus cabellos ondeados pende
Meu coração fiel para seu damno;
Co'a luz dos olhos teus Cupido ufano
Sustenta o puro fogo, em que me accende:

Causa gentil das lagrimas que choro,
A tudo te antepõe minha ternura,
E quanto adoro o Céo, teu rosto adoro:

O golpe, que me déste, amima e cura...
Mas ai! Que em vão suspiro, em vão te imploro:
Não pertence a piedade á formosura.

Digitized by Google

IN MEMORIAM
Joaq

L

Meus olhos, attentae no meu jazigo,
Que o momento da morte está chegado;
Lá sôa o corvo, intérprete do fado;
Bem o entendo, bem sei, fala commigo:

Triumpha, Amor, gloria-te, inimigo;
E tu, que vês com dôr meu duro estado,
Volve á terra o cadaver macerado,
O despojo mortal do triste amigo:

Na campa, que o cobrir, piedoso Albano,
Ministra aos corações, que Amor flagella,
Terror, piedade, aviso, e desengano:

Abre em meu nome este epitaphio n'ella:
"Eu fui, ternos mortaes, o terno Elmano;
Morri d'ingratidões, matou-me Isbella."

LI

Já no calado monumento escuro
Em cinzas se desfez teu corpo brando;
E pude eu vêr, ó Nize, o doce, o puro
Lume dos olhos teus ir se apagando!

Horridas brenhas, solidões procuro,
Grutas sem luz phrenetico demando,
Onde maldigo o fado acerbo e duro,
Teu riso, teus afagos suspirando:

Darei da minha dôr continua prova,
Em sombras cevarei minha saudade,
Insaciavel sempre, e sempre nova:

Té que torne a gosar da claridade
Da luz, que me inflamou, que se renova
No seio da brilhante eternidade.

Digitized by Google

LII

Oleno, meia-noite está cahindo:
Accende a véla azul, queima as verbenas,
Torra os ossos de rã, chamusca as pennas
Da esquerda gralha, que apanhei dormindo:

C'o pé, co'a vara o ar, e o chão ferindo
Emquanto o filtro portentoso ordenas,
Eu irei, e a meu brado ouvido apenas
Virão do inferno as Gorgonas surgindo:

Eia, ávante o prestigio, não cessemos
Da irresistivel magica porfia,
Contra quem vê sem dó nossos extremos;

Que se hoje o fel tragamos da agonia,
Amanhã dôce nectar libaremos,
Tu nos braços de Nize, eu nos de Armia.

LIII

Vae-te, fera cruel, vae-te, inimiga,
Horror do mundo, escandalo da gente,
Que um ferreo peito, uma alma que não sente,
Não merece a paixão, que me afadiga;

O céo te falte, a terra te persiga,
Negras furias o inferno te apresente,
E da baça tristeza o voraz dente
Morda o vil coração, que amor não liga:

Disfarçados, mortiferos venenos
Entre licor suave em aurea taça
Mão vingativa te prepare ao menos:

E seja, seja tal tua desgraça,
Que ainda por mais leves, mais pequenos
Os meus tormentos invejar te faça.

Digitized by Google

MEMORIAM

LIV

Não temas, ó Ritalia, que o choroso,
O desvelado Elmano a fé quebrante,
Não desconfies do singello amante,
Que tu podes, tu só, fazer ditoso:

Serena o coração tenro e cioso,
Que inda minh'alma te ha de ser constante
Se, primeiro que a tua, andar errante
Pelas margens do Lethes preguiçoso:

N'aquella ao sol inaccessivel parte,
Dos manes taciturnos entre o bando
Ao negro esquecimento hei de furtar-te:

E o pensamento aligero voando
Por abafados ares, visitar-te
D'alli virá, meu bem, de quando em quando.

LV

Ó deusa, que proteges dos amantes
O destro furto, o crime deleitoso,
Abafa com teu manto pavoroso
Os importunos astros vigilantes:

Quero adoçar meus labios anhelantes
No seio de Ritalia melindroso;
Estorva que os máus olhos do invejoso
Turbem d'amor os soffregos instantes:

Thetis formosa, tal encanto inspire
Ao namorado sol teu niveo rosto,
Que nunca de teus braços se retire!

Tarde ao menos o carro á Noite opposto.
Até que eu desfalleça, até que expire
Nas ternas ancias, no ineffavel gôsto.

Digitized by Google

LVI

Aquella, que na esphera luminosa
Precedendo a manhã, qual astro brilha,
Mãe dos amores, das espumas filha,
Que o amor na concha azul passeia airosa:

Apenas viu sorrir Nize formosa,
A quem dos corações o deus se humilha,
Do cinto desatando a aurea presilha,
No regaço lh'o poz, lêda e mimosa:

"Não te é, bem sei (lhe diz), não te é preciso;
Para attrahir vontades á ternura
Basta-te um gesto, basta-te um sorriso:

"Mas deves possuil-o, ó nympha pura,
Como trophéo, que dê ao mundo aviso
De que Venus te cede em formosura„

LVII

Sonhei que a mim correndo o gnideo nume
Vinha co'a Morte c'o o Ciume ao lado,
E me bradava: — "Escolhe, desgraçado,
Queres a Morte, ou queres o Ciume?

"Não é peor d'aquella fouce o gume,
Que a ponta dos farpões, que tens provado;
Mas o monstro voraz, por mim creado,
Quanto horror ha no inferno em si resume.„

Disse;—e eu dando um suspiro: "Ah! não m'espantes
Co'a vista d'essa furia!... Amor, clemencia!
Antes mil mortes, mil infernos antes!„

N'isto accordei com dôr, com impaciencia;
E não vos encontrando, olhos brilhantes,
Vi que era a minha morte a vossa ausencia!

Digitized by Google

IN MEMORIAM
Joa

LVIII

Ó Céos! Que sinto n'alma! Que tormento!
Que repentino phrenesi me anceia!
Que veneno a ferver de veia em veia
Me gasta a vida, me desfaz o alento!

Tal era, doce amada, o meu lamento;
Eis que esse deus, que em prantos se recreia,
Me diz: — A que se expõe quem não receia
Contemplar Ursulina um só momento!

"Insano! Eu bem te vi d'entre a luz pura
De seus olhos travessos, e co'um tiro
Puni tua sacrilega loucura:

"De morte, por piedade hoje te firo;
Vae pois, vae merecer na sepultura
A' tua linda ingrata algum suspiro."

LIX

Da minha ingrata Férida gentil
Os verdes olhos esmeraldas são;
É de candida prata a liza mão,
Onde eu d'um beijo passaria a mil:

A trança, côr de sol, rede subtil
Em que se foi prender meu coração,
É d'ouro, o pae da tumida ambição,
Prole fatal do calido Brasil:

Seu peito delicado e tentador
É porção de alabastro, a quem jámais
Penetraram farpões do deus traidor:

Mas como ha de a tyranna ouvir meus ais,
Como ha de esta cruel sentir amor,
Se é composta de pedras, e metaes!

Digitized by Google

LX

Tragado o peito de crueis pezares,
Em doloroso e rabido transporte,
Contra Amor, de quem pende a minha sorte,
Voavam meus queixumes a milhares:

Eis que, desde os azues serenos ares,
Me grita o deus: — "Tua alma se conforte,
Que nem sempre o Furor, o Estrago, a Morte
Ministros hão de ser dos meus altares:

"Aquella paz, aquelle gosto, aquella
Ventura, que até agora te hei negado,
Guardei nos olhos de Ritalia bella".

Disse, e limpando o rosto amargurado,
Corro da nympha aos pés, encontro n'ella
Quanto Amor pode dar, e o Céo, e o Fado.

LXI

Desprega as azas, timida Esperança,
Minha consolação, não desanimes:
Adeja, vôa; os cultos não são crimes,
Nem Jove a quem o adora os raios lança:

Com ais de um coração que não descança,
Terno, benigno dó vae vêr se imprimes
Na formosa Ursulina, ou se reprimes
Tenue porção de rispida esquivança:

Chorosas preces, tremulo respeito
Exercita com ella, e tu, mimoso
Candido Amor, que escravo me tens feito,

Para adoçar-lhe o genio desdenhoso
Deixa-lhe os olhos, salta-lhe no peito,
Não perdes nada, e fazes-me ditoso.

Digitized by Google

IN MEMORIAM
Joa

LXII

Nize, das Graças e de Amor thesouro,
Voto implorado me firmava um dia,
Na face meiga a candida alegria,
Aos ventos derramada a trança d'ouro:

Eis que junto de nós ave de agouro
Tres vezes esvoaça, pousa e pia;
Os ares prenhe sombra enlucta, esfria,
E o raio estragador cahe sobre um louro.

No repentino horror, que a scena altera,
Quereria talvez dizer-me o fado
Que não tinha o meu bem alma sincera?

Ah! Só quiz persuadir um desgraçado
Que de o felicitar capaz não era
Nem a gloria de ser por Nize amado.

LXIII

Em que estado, meu bem, por ti me vejo,
Em que estado infeliz, penoso o duro!
Delido o coração de um fogo impuro,
Meus prezados grilhões adoro e beijo:

Quando te logro mais, mais te desejo,
Quando te encontro mais, mais te procuro,
Quando m'o juras mais, menos seguro
Julgo esse dôce amor, que adorna o pejo.

Assim passo, assim vivo, assim meus fados
Me desarreigam d'alma a paz, e o riso,
Sendo só meu sustento os meus cuidados!

E, de todo apagada a luz do siso,
Esquecem-me (ai de mim!) por teus agrados
"Morte, Juizo, Inferno e Paraiso".

Digitized by Google

LXIV

Eu deliro, Gertruria, eu desespero
No inferno de suspeitas e temores:
Eu da morte as angustias, e os horrores
Por mil vezes sem morrer tolero:

Pelo céo, por teus olhos te assevero
Que ferve esta alma em candidos amôres;
Longe o prazer de illicitos favores!
Quero o teu coração, mais nada quero.

Ah! não sejas tambem qual é commigo
A céga divindade, a Sorte dura,
A varia deusa, que me nega abrigo!

Tudo perdi: mas valha-me a ternura,
Amor me valha, e pague-me comtigo
"Os roubos que me fez a má ventura„.

LXV

O ledo passarinho, que gorgeia
D'alma exprimindo a candida ternura,
O rio transparente, que murmura,
E por entre pedrinhas serpenteia:

O sol, que o céo diaphano passeia.
A lua, que lhe deve a formosura,
O sorriso da aurora alegre e pura,
A rosa, que entre os zephiros ondeia:

A serena, amorosa primavera,
O dôce auctor das glorias que comsigo,
A deusa das paixões, e de Cythéra:

Quanto digo, meu bem, quanto não digo,
Tudo em tua presença degenera,
"Nada se pode comparar comtigo.„

Digitized by Google

IN MEMORIAM

LXVI

Ó terra, onde os seus dons, os seus favores
Derrama de aureo cofre a Natureza,
Que na estação de gelo, e da tristeza
Borda teus prados de verdura e flôres:

Ó clima dos heroes, e dos amôres,
Esmalte e perfeição da redondeza,
Tu, que abrigas em ti tanta belleza,
Tantos olhos gentis, e encantadores:

Tu, que do grego errante e cauteloso,
Da mão que ao nada reduziu Dardania,
Tens em teus campos monumento honroso:

D'elles todos, ó patria, ó Lusitania,
O do Tejo é mais ledo, é mais viçoso;
Graças ao riso da celeste Armania.

LXVII

Preverso estragador da formosura,
Alma corrupta, desleal, impia,
Onde interesse, amor e aleivosia
Jazem com feia, e sordida mistura:

O fructo que produz tua ternura
São (que assombro!) a vileza, a tyrannia;
Sacrificas a tua idolatria
Com tuas proprias mãos em ara impura:

Que bruto coração, que torpe amante
Vende o seu gôsto? Ah! misera belleza,
Eu te choro, eu te choro, outrem te cante:

Excedeu-se em formar-te a Natureza;
Divina te julguei pelo semblante,
Humana vejo que és pela fraqueza.

Digitized by Google

LXVIII

Vendo o soberbo Amôr, que eu resistia
No seu poder com animo arrogante,
Mostrou-me um dôce, angelico semblante,
Que a propria Venus invejar devia:

Minha nescia altivez, minha ousadia
Em submissão troquei no mesmo instante;
E o deus tyranno, achando-se triumphante,
Com voz insultadora me dizia:

"Tu, que escapar ás minhas settas queres,
Vil mortal, satisfaze o teu desejo,
Vê, vê Corina, e foge, se puderes„.

"Amôr, (lhe respondi) rendido a vejo;
Adoro os olhos seus, com que me feres,
Venero as tuas leis, teus ferros beijo.„

LXIX

Honroso louro o capitão valente
Ganhe embora na férvida peleja;
Seu nome a fama espalhe, e geralmente
Com pasmo, e com respeito ouvido seja:

Embora o torpe avaro, o vil demente,
Que para os ferrolhar mil bens deseja,
De ricas peças de metal fulgente
Seus amplos cofres atulhados veja:

Embora de lisonjas incensado
Tenha o monarcha ás suas leis sujeito
O povo mais feliz, mais afamado:

Que a mim, para que viva satisfeito,
Me basta possuir teu dôce agrado,
Ter logar, ó Marilia, no teu peito.

Digitized by Google

IN MEMORIAM

LXX

Deitado sobre a relva Amôr estava
Dormindo ao pé d'uma arvore sombria,
E n'um dos troncos pendurado havia
Prenhe de settas a damnosa aljava:

Flora então, que d'isenta blasonava,
E do infeliz Dorindo escarnecia,
Com soberba, sacrilega ousadia,
Quiz partir os farpões, que detestava:

Mas apenas lhe toca, a mão ferindo
No bico de um dos ferros penetrantes,
Grita, lavado em pranto o gesto lindo:

"Ai de mim! Firme exemplo dos amantes,
Onde estás? Vem, não temas, vem, Dorindo,
Que eu já não sou cruel como era d'antes."

LXXI

De cima d'estas penhas escabrosas,
Que pouco a pouco as ondas têm minado,
Da lua c'o reflexo prateado
Distingo de Marilia as mãos formosas:

Ah! Que lindas que são, que melindrosas!
Sinto-me louco, sinto-me encantado;
Ah! Quando ellas vos colhem lá no prado,
Nem vós, lyrios, brilhaes, nem vós, ó rosas!

Deuses! Céos! Tudo o mais que tendes feito
Vendo tão bellas mãos, me dá desgosto;
Nada, onde ellas estão, nada é perfeito.

Oh! quem pudéra unil-as ao meu rosto!
Quem pudéra apertal-as no meu peito!
Dar-lhe mil beijos, e expirar de gosto!

Digitized by Google

LXXII

Antes eu visse matador cutelo
Por mão ferina contra mim vibrado,
Ou perecesse o peito esmigalhado
Pelos golpes de rigido martelo:

Antes das Furias o infernal flagello
Sentisse, como Orestes malfadado,
E não das sombras d'afflicção turbado
O céo, Marilia, de teu rosto bello!

Das faces orvalhada a neve pura,
Rouca a voz, e na terra a vista preza,
Te observo, sem que morra d'amargura!

Tu d'esta sorte, angelical belleza?
Ai de mim! Quem terá prazer, ventura.
Se até pode no céo caber tristeza!

LXXIII

De emmaranhadas cans o rosto cheio,
De assacalada fauce armado o braço,
Gigantêa estatura, aspecto baço,
Um velho em sonhos vi, medonho e feio:

"Não tenhas, ó mortal, de mim receio;
O Tempo sou (me diz) eu despedaço.
Os collossos, os marmores desfaço,
Prosto a vaidade, a formusura afeio:

"Mas sabendo a razão de teus pezares,
Pela primeira vez enternecido,
A falar-te baixei dos tenues ares:

"Soffre, por ora, o jugo de Cupido;
Que eu farei, quando menos o cuidares,
Que te escape Natercia do sentido."

Digitized by Google

IN MEMORIAM

LXXIV

Debalde um véo cioso, ó Nize, encobre
Intactas perfeições ao meu desejo;
Tudo o que escondes, tudo o que não vejo
A mente audaz e aligera descobre:

Por mais e mais que as sentinellas dobres
A sisuda Modestia, o cauto Pejo,
Teus braços logro, teus encantos beijo,
Por milagre da idéa affouta, e nobre:

Inda que premio teu rigor me negue,
Do pensamento a indomita porfia
Ao mais dôce prazer me deixa entregue:

Que póde contra Amor a tyrannia,
Se as delicias, que avista não consegue,
Consegue a temeraria phantasia?

LXXV

Das faixas infantis despido apenas,
Sentia o sacro fogo arder na mente;
Meu tenro coração inda innocente,
Iam ganhando as placidas Camenas:

Faces gentis, angelicas, serenas,
De olhos suaves o volver fulgente,
Da idéa me extrahiam de repente
Mil simples, maviosas cantilenas,

O tempo me soprou fervor divino
E as Musas me fizeram desgraçado,
Desgraçado me fez o deus menino:

A Amôr quiz esquivar-se, e ao dom sagrado:
Mas vendo no meu genio o meu destino,
Que havia de fazer? Cedi ao fado.

Digitized by Google

LXXVI

Emquanto muda jaz, e jaz vencida
Do somno, que a restaura, a Natureza,
Augmento de meus males a graveza,
Eu, desgraçado, que aborreço a vida.

Velando está minha alma escurecida
Envolta nos horrores da tristeza.
Qual tocha, que entre tumulos acceza,
Espalha feia luz amortecida:

Velando está minha alma, estão com ella
Velando Amôr, velando a Desventura,
Algozes com que a Sorte me flagella:

Preside ao acto acerbo a formosura,
Marilia desleal, Marilia, aquella
Que tão branda me foi, que me é tão dura.

LXXVII

Incense da Fortuna os vãos altares
Destra venal de astuto lisonjeiro;
Raios vibrando intrepido guerreiro
De nuvens de atro fumo assombre os ares:

Domando a furia de assanhados mares
Sagaz commerciante interesseiro,
Pejado o bojo do baixel veleiro
Opulento saúde os patrios lares:

A deusa, que por boccas cem respira
Acclame o sabio que medita, e véla,
Fertil em producções que o mundo admira:

Minha alma só se apraz, só se desvela
Na gloria de cantar ao som da lyra
Os olhos de Felisa, as graças d'ella.

Digitized by Google

IN MEMORIAM

LXXVIII

Minha alma se reparte em pensamentos
Todos escuros, todos pavorosos;
Pondero quão terriveis, quão penosos
São, existencia minha, os teus momentos:

Dos males que soffri, crueis, violentos,
A Amôr, e aos Fados contra mim teimosos,
Outros inda mais tristes, mais custosos
Deduzo com fataes presentimentos.

Rasgo o véo do futuro, e lá diviso
Novos damnos urdindo Amôr, e os Fados,
Para roubar-me a vida apóz do siso.

Ah! Vem, Marilia, vem com teus agrados,
Com teu sereno olhar, teu brando riso,
Furtar-me a phantasia a mil cuidados.

LXXIX

Por industria de uns olhos, mais brilhantes
Que o refulgente sol dos céos no cume.
Jaz prezo entre os grilhões do idalio nume
O mais terno e sensivel dos amantes:

Uma ingrata, exemplar das inconstantes,
Por genio, por systema, ou por costume,
Todo o fel da tristeza, e do ciume.
Lhe verte sobre os miseros instantes:

Se com piedoso affago lhe suavisa,
Lhe engana alguma vez a dôr, que o mata,
Mil vezes com desdens o tyrannisa:

O laço aperta, e subito o desata...
Ah! dôce encanto meu, gentil Felisa,
O desgraçado eu sou, tu és a ingrata,

Digitized by Google

LXXX

Em sonhos na escaldada phantasia
Vi, que torvo dragão de olhos fogosos
Com afiados dentes sanguinosos
As tépidas entranhas me rompia:

Alva nympha louçã, que parecia
A mãe dos Amorinhos melindrosos,
Raivosa contra mim, c'os pés mimosos
Mais o drago faminto embravecia:

De marmore a meu pranto, a meu queixume,
D'este mal, d'este horror sem dó, sem pena,
Via dos olhos meus sumir-se o lume:

Ah! Não foi illusão tão triste scena:
O monstro devorante era o Ciume,
A cruel, que o pungia, era Filena.

LXXXI

Doce nume d'amor, se á bella Armia
Consagrei por teu mando a liberdade,
Doce nume d'amor, se tens piedade
Do coração, que Elmano em ais te envia:

Entre o calado horror da noute fria
A minha amada, a minha divindade
(Com seus olhos dourando a escuridade),
Pinta em ledo sonho a phantasia:

Assome tão risonha, e tão brilhante
Como a rosea manha no céo jucundo,
E as lagrimas enxugue ao triste amante.

Contarei ao meu bem meu mal profundo,
E que vivo sem elle absorto, errante,
Perdido, amargurado, e só no mundo.

Digitized by Google

IN MEMORIAM

LXXXII

O céo não te dotou de formosura,
De attractivo exterior, e a Natureza
Teu peito inficionou co'a vil torpeza
De ingrata condição, falaz e impura:

Influiu-me os extremos da ternnra
A constancia, o fervor, e a singelleza,
Esses dons, mais gentis que a gentileza,
Dons, que o tempo fugaz não desfigura:

Apesar da traição, do fingimento
Que te infama e desluz, se enleva e pára
Em ti, alma infiel, meu pensamento:

Nas paixões a razão nos desampara;
Se a razão presidisse ao sentimento,
Tu morrêras por mim, eu não te amara.

LXXXIII

Ás margens do Regaça crystallino
Nos olhos de Tirséa ardi contente,
Brandos olhos gentis, dos quaes pendente
Estava o meu prazer, e o meu destino:

O tenro deus, o candido menino
Pagava meu fervor puro, innocente;
Mas cêdo me impelliu sorte inclemente
Para vós, tristes margens, que abomino:

Aqui desde que aponta a luz phebêa
De logar em logar deliro e corro,
Com suspeitas nutrindo a turva idéa.

Não posso contra Amor achar soccorro;
Perdi todo o meu bem, perdi Tirséa,
Ella vive sem mim, sem ella eu morro.

Digitized by Google

LXXXIV

Sobre estas duras, cavernosas fragas,
Que o marinho furor vae carcomendo,
Me estão negras paixões n'alma fervendo
Como fervem no pégo as crespas vagas:

Razão feroz, o coração me indagas,
De meus erros á sombra esclarecendo,
E vás n'elle (ai de mim) palpando, e vendo
De agudas ancias venenosas chagas:

Cego a meus males, surdo a teu reclamo
Mil objectos de horror co'a idéa eu corro,
Solto gemidos, lagrimas derramo:

Razão, de que me serve o teu soccorro?
Mandas-me não amar, eu ardo, eu amo;
Dizes-me que socegue, eu peno, eu morro.

LXXXV

Debalde contra o Amor seu fel derrama
Genio feroz á natureza opposto;
Crua sphinge infernal de humano rosto,
Ou furia accesa na tartarea flamma.

Esse, a que astuto engano um vicio chama,
Benigno sentimento em nós disposto,
Brota o desejo precursor do gôsto,
Cria o preciso ardor, que a tudo inflamma:

Doura a negra existencia ao desgraçado,
Do peito arranca as serpes da tristeza,
A que inda o mais feliz não foi vedado:

Ventura, ao doce Amor tu andas prêsa;
É de todo o vivente instincto, e fado,
É teu quinto elemento, ó Natureza!

Digitized by Google

IN MEMORIAM

LXXXVI

Tu, que na fouce de sanguineo gume
Tens féra, estragadora omnipotencia,
Como soffres de Amor a resistencia,
Ó Tempo devorante, ó impio nume?

E tu, que apagas da ternura o lume,
Que tornas o desvelo em somnolencia,
Filha do Lethes, esquecida Ausencia,
Onde está teu poder, e o teu costume?

Nos outros c'o prazer morre a firmeza,
Arrefece a paixão de dia em dia,
Longe dos olhos por que fôra accêsa:

Mas em mim terno ardor jámais esfria;
Por gloria da constancia ou da belleza,
Triumpham no meu peito Amor e Armia.

LXXXVII

Que idéa horrenda te possue, Elmano?
Que ardente phrenesi teu peito inflamma?
A razão te allumie, apaga a chamma,
Reprime a raiva do ciume insano:

Esperanças consome, ou vive ufano,
Ah! Foge, ou cinge da victoria a rama;
Ama-te a bella Armia, ou te não ama?
Seus ais são da ternura, ou são do engano?

Se te ama, não consternem teus queixumes
Os olhos de quem estás enfeitiçado,
Do puro céo de Amor benigno lumes:

Se outro n'alma d'Armia anda gravado,
Que fructo has de colher dos vãos ciumes?
Ser odioso, além de desgraçado.

Digitized by Google

LXXXVIII

Sobranceiro ao poder, e ás leis da sorte,
Amor ouviu meus ais, cumpriu meu gôsto:
Já, já sinto nos olhos, peito, e rosto
A nevoa, as ancias, o suor da morte:

Á terra mão piedosa me transporte,
E depois que em sepulcro mal composto
Der ao frio cadaver frio encosto,
Estes versos por dó na pedra córte:

"Aqui se esconde Elmano; alegre estado
Algum tempo deveu á amiga estrella,
Foi de Armia amador, de Armia amado:

"Desuniu duro caso o triste, e a bella;
Viver sem ella lhe ordenava o fado;
Quiz antes o infeliz morrer por ella."

LXXXIX

Aureo fio subtil, que teve unida
A corpo immaculado uma alma pura,
De mimoso estalou, e a sepultura
Ficou do teu despojo enriquecida:

De mil graças lustrosa a doce vida
Subiu ao cume da immortal ventura;
Dous nomes — Innocencia, e Formosura —
Vão dando ao mundo eterna despedida:

Lá onde a morte, e a terra te devoram,
Na estancia do silencio, e da tristeza,
Inda, Marilia, corações te adoram:

Longe da tua divinal belleza
Aos olhos que te viram, que te choram,
Um tumulo parece a natureza.

Digitized by Google

IN MEMORIAM

XC

Vem, suspirada, carinhosa Armia,
Remir o escravo, consolar o amante,
Que afflicto, que saudoso a cada instante
Te envia um pensamento, um ai te envia.

Dá-me nos olhos teus mais puro o dia,
E flôres mais gentis em teu semblante
Que a flôr de cytheréa, a flôr brilhante,
Que o mesmo Abril prefere a quantas cria.

Inimiga de Amor é a tardança:
Não tardes, não, meu bem, que me flagellas
Em prolongar-me a soffrega esperança:

Vem olhar n'este rio as faces bellas,
Vem, por doce illusão da semelhança,
Vêr enganar-se os Zephyros com ellas.

XCI

Do carcere materno em hora escura,
Em momento infeliz, triste, agourado,
Me desaferrolhou terrivel Fado,
Meus dias commettendo á Desventura:

Perigosas sementes de ternura
Havia o deus feroz em mim lançado;
Que mil azedos fructos tem brotado,
Regadas pelos prantos da amargura.

Escravo da despotica belleza,
Remir-me de impia lei, que me domina,
Tento, e desmaio ao começar a empresa:

Ó poder da paixão, que me allucina!
Ó cego Amor! Ó fragil Natureza!
N'alma busco a razão, e encontro Alcina.

Digitized by Google

XCII

Egual ingratidão, e egual vileza
Poucos hão de encontrar entre as ruinas
Que Amor prepara: prodiga de Alcinas
Não é (graças aos Céos!) a natureza:

Genio de furia, monstro de torpeza,
Que o pejo afogas, que a traição refinas,
São as Julias, as Laïs, as Messalinas
A par de ti modelos de pureza.

Não temas, infiel, que á terra chame
O raio, que reluz na mão do Eterno,
Para que em negras cinzas te derrame:

Rasguem-te as garras do remorso interno
O coração corrupto, o peito infame:
Lá tenho um vingador, lá tens o inferno.

XCIII

Ha um medonho abysmo, onde baqueia
A impulsos das paixões a humanidade;
Impera alli terrivel divindade,
Que de torvos ministros se rodeia:

Rubro facho a Discordia alli meneia,
Que a mil scenas de horror dá claridade;
Com seus socios, Traição, Mordacidade,
Range os dentes a Inveja escura e feia:

Vê-se a Morte cruel no punho alçando
O ferro de sangrento hervado gume,
E a toda a natureza ameançando:

Vê-se arder, fumegar sulfureo lume...
Que estrondo! Que pavor! Que abysmo infando!...
Mortaes, não é o Inferno, é o Ciume!

Digitized by Google

XCIV

A's aguas, e ás areias d'este rio
Ás flôres, e aos Favonios d'este prado,
Meus damnos conto, minhas maguas fio,
Dou queixas contra Ismene, Amor e o Fado:

A paz do coração posta em desvio,
O gôsto em desenganos suffocado,
Lagrimas com lembranças desafio,
E pela tarda morte ás vezes brado:

Tão maviosos são meus ais mesquinhos,
Tanto pode a paixão que em mim suspira,
Que se esquecem das mães os cordeirinhos:

O vento não se mexe, nem respira;
Deixam de namorar-se os passarinhos,
Para me ouvir chorar ao som da lyra.

XCV

Voae, brandos meninos tentadores,
Filhos de Venus, deuses da ternura,
Adoçae-me a saudade amarga, e dura,
Levae-me este suspiro aos meus amores;

Dizei-lhe que nasceu dos dissabores
Que influe nos corações a formosura;
Dizei-lhe que é penhor da fé mais pura,
Porção do mais leal dos amadores:

Se o fado para mim sempre mesquinho,
A outro offerece o bem de que me afasta,
E em ais lhe envia Ulina o seu carinho:

Quando um d'elles soltar na esphera vasta,
Trazei-o a mim, torcendo-lhe o caminho;
Eu sou tão infeliz, que isso me basta.

Digitized by Google

XCVI

Não dês, encanto meu, não dês, Armia,
Ternas lamentações ao surdo vento;
Se amorosa impaciencia é um tormento,
Com lêdas esperanças se allivia:

A rigorosa mãe, que te vigia,
Em vão nos prende o lucido momento
Em que solto, adejando o pensamento,
Sobe ao cume da gloria, e da alegria:

As fadigas d'Amor não valem tanto
Como a doce, a furtiva recompensa
Que outorga, inda que tarde, aos ais, e ao pranto:

Amantes estorvar, que astucia pensa?
Tem azas o desejo, a noite um manto,
Obstaculos não ha, que Amor não vença.

XCVII

Fataes memorias da traidora Alcina,
D'aquella que encantou meu pensamento;
Se vos quero sumir no esquecimento,
Não o consente Amor, que me domina.

Que é da razão, que as almas illumina?
Por que não põe limite a meu tormento?
Ah! que mal a definem. se exp'rimento
Que não pode evitar-nos a ruina!

Do que estorvar não sabe ella murmura;
Deixando-me os effeitos perigosos
De amorosa, phrenetica amargura:

E inda são para mim menos penosos
Os horrores da minha desventura.
Que a vista, que o prazer dos venturosos.

Digitized by Google

IN MEMORIAM
Joaquim Borges de Moraes

XCVIII

O céo, de opacas sombras abafado,
Tornando mais medonha a noite feia;
Mugindo sobre as rochas, que salteia,
O mar, em crespos montes levantado:

Desfeito em furacões o vento irado,
Pelos ares zunindo a sôlta areia,
O passaro nocturno, que vozeia
No agoureiro cypreste além pousado;

Formam quadro terrivel, mas acceito,
Mas grato aos olhos meus, grato á fereza
Do ciume, e saudade, a que ando affeito;

Quer no horror egualar-me a natureza;
Porém cansa-se em vão, que no meu peito
Ha mais escuridão, ha mais tristeza.

XCIX

Sonho, ou vélo? Que imagem luminosa,
Esclarecendo o manto á noite escura,
A meus olhos pasmados se afigura?
Sustém a tua dôr, alma saudosa!

De mais vistoso objecto o céo não gosa,
A clareza do sol não é mais pura...
Que encanto! Que esplendor! Que formosura...
Cahiu-te um astro, abobada lustrosa!...

Sorrisos da purpurea madrugada,
Vós tão gratos não sois... Ah! como inclina
A face para mim branda, apiedada!

Refulgente visão, tu és de Ulina,
Tu és copia fiel da minha amada,
Ou reflexo talvez da luz divina.

Digitized by Google

C

Em verso torneado ao som da lyra
Eu canto amor, a formosura eu canto;
Por teus olhos gentis, que podem tanto,
Arde meu coração, treme, suspira:

Audaz competidor, esse que aspira
De teus carinhos ao celeste encanto,
Grosseiro e carrancudo infunde espanto,
Da bruta estupidez nas sombras gira.

Ao vêl-o assim, e ao vêr minha amargura,
Mal que elle a ti dirige a vista accesa,
Todos ao meu temor chamam loucura:

Ah! Vem d'alta razão minha tristeza;
Não receio o rival, temo a Ventura,
Porque o pode vingar da Natureza.

CI

Se, victima da ingrata, e do tyranno
Que fazem lastimosa a tua sorte,
Ao pêso do phrenetico transporte
Ceder teu coração, misero Elmano:

Se áquelle que o teu mal contempla ufano
Quizer teu fado que o prazer lhe aborte;
Se nas garras tambem da turva morte
Conhecer que a ventura é doce engano:

Se o seu despojo em fim se unir comtigo,
Para que nem, ó triste, a paz possuas
Entre as eternas sombras do jazigo;

Zelosas despertando as cinzas tuas,
Revôltas pelo horrôr, pelo odio antigo,
Hão de em negro montão fugir das suas.

Digitized by Google

IN MEMORIAM

CII

Voaste, alma innocente, alma querida,
Foste vêr outro sol de luz mais pura,
Falsos bens d'esta vida, que não dura,
Trocaste pelos bens da eterna vida:

Por Deus chamada, para Deus nascida
Já de vãs illusões vives segura:
Feliz a fé te crê; mas a ternura
C'o punhal da saudade está ferida.

Desgraçado o mortal, insano, insano
Em dar seu pranto aos fados de quem mora
No palacio do eterno soberano!

Perdôa, Anarda, ao triste que te adora:
Tal é a condição do peito humano;
Se a Razão se está rindo, Amor te chora.

CIII

Já de novo a meus olhos apparecem
A graça, o riso, as flôres da alegria;
Já na minha teimosa phantasia
Cuidados que velavam adormecem:

Co'a verdade illusões se desvanecem,
Qual foge o triste mocho á luz do dia;
Providente Razão, porém tardia,
Já sobre esta alma teus auxilios descem.

Como, cega paixão, nos persuades!
Quando em Marcia não vi senão belleza
Julguei que dava gloria ás divindades:

Mas do sacro fulgor co'a mente accesa
Noto-lhe o coração, e as falsidades,
Vejo que faz injuria á Natureza.

Digitized by Google

CIV

Nascemos para amar; a humanidade
Vae tarde, ou cedo aos laços da ternura:
Tu és doce attractivo, ó formosura,
Que encanta, que seduz, que persuade:

Enleia-se por gôsto a liberdade;
E depois que a paixão n'alma se apura,
Alguns então lhe chamam desventura,
Chamam-lhe alguns então felicidade:

Qual se abysma nas lobregas tristezas,
Qual em suaves jubilos discorre,
Com esperanças mil na idéa accesas:

Amor ou desfallàce, ou pára, ou corre;
E, segundo as diversas naturezas,
Uma porfia, este aquece, aquelle morre.

CV

A frouxidão no amor é uma offensa,
Offensa que se eleva a grau supremo;
Paixão requer paixão; fervor, o extremo
Com extremo e fervor se recompensa.

Vê qual sou, vê qual és, vê que diff'rença!
Eu descoro, eu praguejo, eu ardo, eu gemo;
Eu choro, eu desespero, eu clamo, eu tremo,
Em sombras a razão se me condensa:

Tu só tens gratidão, só tens brandura,
E antes que um coração pouco amoroso
Quizera vêr-te uma alma ingrata, e dura.

Talvez me enfadaria aspecto iroso;
Mas de teu peito a languida ternura
Tem-me captivo, e não me faz ditoso.

Digitized by Google

IN MEMORIAM

CVI

Nos torpes laços de belleza impura
Jazem meu coração, meu pensamento;
E forçada ao servil abatimento
Contra os sentidos a razão murmura:

Eu, que outr'ora incensava a formosura
Das que enfeita o pudor gentil, e exempto,
A já corrupta idéa hoje apascento
Nos falsos mimos de venal ternura:

Se a vejo repartir prazer, e agrado
A'quella, a este, co'a fatal certeza
Fermenta o vil desejo envenenado;

Céos! Quem me reduziu a tal baixeza?
Quem tão cego me põz?... Ah! Foi meu Fado,
Que tanto não podia a Natureza.

CVII

Perdi tudo (ai de mim!) perdi Marfida,
Marfida, a gloria minha, a minha amada;
Tenra flõr, a esperança mallograda
Do mimoso matiz cahiu despida:

Pede meu coração mortal ferida,
Só aos ditosos a existencia agrada;
Vida entre angustias equivale ao nada,
No risonho prazer consiste a vida.

Eia, amante infeliz, teu fim procura!
Phantastico terror não te reporte,
Nos tumulos não reina a formosura,

Diga triste letreiro a minha sorte:
Dae-me piedosa sombra á sepultura
Teixos, cyprestes, arvores da morte.

Digitized by Google

CVIII

Da rama escura de letal cypreste
Em sonhos vi c'roada a bella Armia;
Alvas, mimosas carnes lhe envolvia
Na negra morte a luctuosa veste:

Vagueava o meu bem n'um ermo agreste,
Onde o mocho agoureiro se carpia,
Não tão meiga e gentil como algum dia,
Mas inda conservava um ar celeste:

"Esta que vês (me disse em tom maguado),
Que não crêste mortal, mas divindade,
É sombra vã, phantasma inanimado."

Eis ferido de amor e de saudade,
Grito, accordo, e seguiu-se (ó duro fado!)
Á funesta visão fatal verdade.

CIX

Lá onde o Fado impenetravel mora,
Vôa o menino Amor entre os Amores;
Loureja a trança, que matizam flôres,
Scintilla o facho, que a Razão devora:

Entra, saúda o nume, ao nume implora
Que de Marilia os olhos tentadores
Vejam sempre ante as Graças, e os Louvores
De seus annos gentis surgir a aurora:

Fronte rugosa vezes tres sacode
O deus, cujo poder tudo atropela,
E ás supplicas d'Amor d'est'arte acode:

"Escape ás minhas leis Marilia, bella
Seja, seja immortal: durar não pode
O mundo sem amor, amor sem ella."

Digitized by Google

CX

Quantas vezes, Amor, me tens ferido?
Quantas vezes, Razão, me tens curado?
Quão facil de um estado a outro estado
O mortal sem querer é conduzido!

Tal, que em gráu venerando, alto e luzido,
Como que até regia a mão do fado,
Onde o sol, bem de todos, lhe é vedado
Depois com ferros vis se vê cingido:

Para que o nosso orgulho as azas corte,
Que variedade inclue esta medida,
Este intervallo da existencia á morte!

Travam-se gôsto, e dôr; socêgo, e lida;
É lei da natureza, é lei da sorte
Que seja o mal e o bem matiz da vida.

CXI

Ó tu, consolador dos malfadados,
Ó tu, benigno dom da mão divina,
Das maguas saborosa medicina,
Tranquillo esquecimento dos cuidados:

Aos olhos meus, de prantear cansados,
Cansados de velar, teu vôo inclina;
E vós, sonhos d'amor, trazei me Alcina,
Dae-me a doce visão de seus agrados:

Filha das trevas, frouxa somnolencia,
Dos gôstos entre o férvido transporte
Quanto me foi suave a tua ausencia!

Ah! findou para mim tão leda sorte;
Agora é só feliz minha existencia,
No mudo estado, que arremeda a morte.

Digitized by Google

CXII

Quando á que me rendeu jurava ufano
Gostar por ella do funereo instante,
Dizia a doce amada ao terno amante:
"Inalia morrerá, se morre Elmano!„

O Tempo, das paixões, dos bens tyranno,
Tornou ferino o divinal semblante,
E nos labios gentis voz fulminante
Vibrou, vibrou-me um raio; — o desengano!

Esperanças, murchae; tu, lisonjeiro
Sonho adoravel, com que o ser mantive,
Desfaze te em meu ponto verdadeiro:

Mas ás cinzas do amante Amor não prive
Dos ais d'escravos seus; triste letreiro
Diga: — "Elmano morreu, e Inalia vive.„

CXIII

Pode o tôsco pincel, que mal sustento,
Pintar ousado divinal belleza?
Oh! Quanto fôra temeraria empresa!
Pagara icaria sorte o louco intento.

Não pinta humana penna um tal portento,
Milagre da sublime Natureza;
Tens mais alto pintor, que não despreza
Pintar-te... a mão, que fez o firmamento:

Tanto não posso, ó d'entre as bellas bella;
E baixará dos Céos fiel soccorro
P'ra traçar-te a paixão que me flagella?

Deliro, amavel Jonia; em vão discorro;
Confunde me a afflicção que me atropela,
Mal sei balbuciar que por ti morro.

Digitized by Google

IN MEMORIAM

CXIV

Em fragil lenho o pelago cruzando,
Nos turbilhões das vagas envolvido,
A razão se me esvae, perco o sentido,
Na triste vida minha imaginando:

Cedo a Morpheu: — a mente fluctuando
Põe ante mim o Deus que impera em Gnido,
Do arco aguda setta enfurecido
Vae ao peito de Analia disparando:

Trémulo, insano, exhausto, delirante,
Brado ao numen feroz — "Espera, espera,
Não firas, poupa um coração constante."

N'isto o deus mostra o coração da fera;
Vi-te pérfida, e disse agonisante:
"Da lembrança riscar-te, ah! quem pudera!"

CXV

Quiz, Marilia gentil, cantar teu dia,
Teu dia grato a Amor, grato á Ventura,
Pintar-te a graça, o riso, a formosura,
Principios de ineffavel sympathia:

Ao pae da claridade e da harmonia
Roguei canções de singular brandura;
Mas sempre mais e mais a mente escura
N'um tumulo de idéas se perdia:

Eis o deus, que da aurora aviva os lumes,
Me diz — "Porque tens nome entre os humanos,
Objectos divinaes cantar presumes?

"Subjuga dentro d'alma os sons profanos;
Muda em culto o louvor; celebram numes,
Mortaes adorem de Marilia os annos."

Digitized by Google

CXVI

Tu és meu coração, tu és meu nume;
Não vive para mim do mundo o resto;
A morte, a vida, os céos, meu fado attesto,
Meu fado, que em teus olhos se resume.

Mas com frequente, rispido queixume
Os mimosos ouvidos te molesto;
Dias d'ouro, e de amor (ah!) toldo, empesto
Co'as trevas mais que horriveis do ciume.

Olho-te as graças, olho-te a belleza,
E cuido que enfeitiças por meu damno
Quantos entes abrange a Natureza!

Soccorre, doce Marcia, o triste Elmano;
Oh! Que infernal tormento o da incerteza!
Ao menos é só morte e desengano.

CXVII

Quando meu coração de Amor vivia,
(Ufana a liberdade em vêr-se escrava)
E quando para mim se variava
O céo n'um riso, o céo n'um ai d'Armia:

Das escuras irmãs a mais sombria,
E que mais com seu pêso o mundo aggrava,
Na vista divinal, que me encantava,
Roubou luz á minha alma, e luz ao dia:

Não mais, Dôr, fado meu, Dôr, meu costume;
Cedo a paz gosarei, que o peito anhela,
Nos olhos do meu bem, do céo já lume:

Junto á nympha immortal na estancia bella
Os dias perennaes, que vive um nume,
Irei (nume em ser seu) viver com ella.

Digitized by Google

IN MEMORIAM

CXVIII

Noite, amiga de Amor, calada, escura,
Eia engrossa os teus véos, os teus horrores;
Em quanto vou gosar de mil favores
Sobre o doce theatro da ternura:

Marilia, mais gentil, e até mais pura
Que as ledas Graças, que as mimosas flôres,
Velando ás mudas horas dos Amores
Receia o casto pejo, que murmura:

Em deleitoso e tacito retiro,
Suspensa entre o temor, entre o desejo,
Fluctua a bella, a cuja posse aspiro:

Ah! já nos braços meus a aperto e beijo!
Já, desprendendo um languido suspiro,
No seio do prazer se absorve o pejo.

CXIX

De homens e numes suspirado encanto,
Lilia, innocente como virgem rosa,
Lilia mais branda, Lilia mais formosa
Que a nympha etherea, de puniceo manto:

Eu, e os Amores, que perderam tanto,
Damos te ás cinzas oblação mimosa;
Curva gotteje minha dôr saudosa
Na molle off'renda, que requer meu pranto:

Em teu sagrado, perennal retiro,
Disponho ao som de languidas querelas,
A rosa, o cravo, a tulipa, o suspiro:

Medrae no chão de amor, florinhas bellas...
Ah! Lilia, eu goso o Céo!. . Lilia, eu respiro
Tua alma pura na fragancia d'ellas!

Digitized by Google

CXX

Da fria habitação, da vitria gruta
Alça o Callipo a fronte salitrosa;
E risonho penteia a nunca enxuta
Alva melena, rispida, e limosa;

Em tôrno d'elle a modular-se escuta
Chusma de nymphas candida, e formosa;
Dos ventos o tropel bramindo lucta
Lá na eolia masmorra cavernosa:

Dando lascivos osculos nas flôres
Gratos effluvios Zephiro derrama,
Destaz do inverno os malditos vapores:

Almo prazer os corações inflamma,
Tudo respira amor, tudo louvores
Ao festivo natal do illustre Gama.

CXXI

Da triste, bella Ignez, inda os clamores
Andas, Echo chorosa, repetindo;
Inda aos piedosos Céos andas pedindo
Justiça contra os impios matadores;

Ouvem-se ainda na fonte dos Amores
De quando em quando as nayades carpindo;
E o Mondego, no caso reflectindo,
Rompe irado a barreira, alaga as flôres:

Inda altos hymnos o universo entôa
A Pedro, que da morta formosura
Comvosco, Amores, ao sepulcro vôa:

Milagre da belleza, e da ternura!
Abre, desce, olha, geme, abraça e c'rôa
A maltadada Ignez na sepultura.

Digitized by Google

CXXII

De radiosas virtudes escoltada
Déste immaturo adeus ao mundo triste,
Co'a mente no almo polo, onde existe
Bem, que sempre se gosa, e nunca enfada:

Á fouce, a segar vidas destinada,
Mansissima cordeira o collo uniste;
O que é do Céo ao Céo restituiste,
Restituiste ao nada o que é do nada:

E inda gemo, ainda choro, alma querida,
Teu fado amigo, tua dita immensa,
Que em vez de pranto a jubilo convida!

Ah! Pio accôrdo minha mágua vença;
É captiveiro para o justo a vida,
A morte para o justo é recompensa.

CXXIII

Tu, maligno dragão, cruel harpia,
Monstro dos monstros, furia dos infernos,
Que em vil murmuração, ralhos eternos
Estragas sem descanço a noite e o dia:

Tu, que nas horas, em que o mocho pia,
Calumniaste meus suspiros tenros,
Sacode a carga de noventa invernos
Nas descarnadas mãos da morte fria:

Cáe de chofre no barathro profundo,
Cáe nas entranhas da voraz fornalha,
Deixa em socêgo o miseravel mundo:

E entre a maldita, répobra canalha,
Lá bem longe de nós, lá bem no fundo,
Arde, murmura, amaldiçõa e ralha.

Digitized by Google

CXXIV

Olhos suaves, que em suaves dias
Vi nos meus tantas vezes empregados
Vista, que sobre esta alma despedias
Deleitosos farpões, no céo forjados;

Santuarios de amor, luzes sombrias,
Olhos, olhos da côr de meus cuidados,
Que podeis inflammar as pedras frias,
Animar os cadaveres mirrados:

Troquei-vos pelos ventos, pelos mares,
Cuja verde arrogancia as nuvens toca,
Cuja horrisona voz perturba os ares:

Troquei-vos pelo mal que me suffoca;
Troquei-vos pelos ais, pelos pesares:
Oh! cambio triste! oh! deploravel troca!

CXXV

Da perfida Gertruria o juramento
Parece-me que estou inda escutando,
E que inda ao som da voz suave e brando
Encolhe as azas, de encantado, o vento:

No vasto, infatigavel pensamento
Os mimos da perjura estou notando...
Eis Amor, eis as Graças festejando
Dos ternos votos o feliz momento

Mas, ah!... Da minha rapida alegria
Para que accendes mais as vivas côres,
Lisonjeiro pincel da phantasia?

Basta, cega paixão, loucos amores;
Esqueçam-se os prazeres de algum dia,
Tão bellos, tão duraveis como as flôres.

Digitized by Google

CXXVI

Emquanto os bravos, formidaveis Notos,
Por entre os cabos trémulos zunindo,
O fendente baixel vão sacudindo
A climas, do meu clima tão remotos:

Emquanto de Nereu continuos motos
Na vacillante pôpa estou sentindo,
Ao meu idolo amado, ausente, e lindo,
Fórmo nas mãos d'Amor sagrados votos:

Mordaz tristeza o coração me corte,
Soffra tudo, ó Gertruria, por amar-te,
Farte-se embora a cólera da sorte:

Mas talvez (ai de mim!) que se não farte
Que ou tua variedade, ou minha morte
Me roube as esperanças de lograr-te.

CXXVII

Usurpando um minuto a meu lamento
Amigo somno os olhos me occupava,
E emquanto o debil corpo descansava,
Velava amor, velava o pensamento:

Eis que em deserto e lugubre aposento,
Que semi-morta luz mais afeiava,
Cri, Gertruria (ai de mim!), que te avistava
Já sem côr, já sem voz, já sem alento:

Subito accordo em lagrimas banhado,
E, das trevas palpando o véo medonho,
Em vão busco teu corpo delicado:

Mas inda em ancias trémulo supponho
Que me vaticinou meu negro fado
Dos males o peor no horrivel sonho.

Digitized by Google

CXXVIII

Alva Gertruria minha, a quem saudoso
Mando trémulos ais enternecidos;
Gertruria, que encantaste os meus sentidos
Co'um meigo riso, co'um olhar piedoso:

Amor, o injusto Amor, nume doloso,
Insensivel penedo a meus gemidos,
Me exhala sobre os timidos ouvidos
Estas vozes crueis em tom raivoso;

"Tu, que já desfructaste os meus favores,
Tu, que na face de Gertruria bella
Nectar bebeste, mitigaste ardores,

Não tornarás, não tornarás a vêl-a:
Lamenta, desditoso, os teus amores.
Accusa, desgraçado, a tua estrella."

CXXIX

Sonhei que nos meus braços inclinado
Teu rosto encantador, Gertruria, via;
Que mil ávidos beijos me soffria
Teu niveo collo, para os mais sagrado:

Sonhei que era feliz por ser ousado,
Que o siso, a fôrça, a voz, a côr perdia
N'um extasis suave, em que bebia
O nectar nem por Jove inda libado:

Mas no mais doce, no melhor momento
Exhalando um suspiro de ternura
Accordo, acho-te só no pensamento:

Ó destino cruel! Ó sorte escura!
Que nem me dure um vão contentamento!
Que nem me dure em sonhos a ventura!

Digitized by Google

CXXX

Eu me ausento de ti, meu patrio Sado,
Mansa corrente deleitosa, amena,
Em cuja praia o nome de Filena
Mil vezes tenho escripto, e mil beijado:

Nunca mais me verás entre o meu gado
Soprando a namorada e branda avena,
A cujo som descias mais serena,
Mais vagarosa para o mar salgado:

Devo emfim manejar por lei da sorte
Cajados não, mortiferos alfanges
Nos campos do colerico Mavorte;

E talvez entre impavidas phalanges
Testemunhas farei da minha morte
Remotas margens, que humedece o Ganges.

CXXXI

Do Mandovi na margem reclinado
Chorei debalde a minha negra sina,
Qual o misero vate de Corina
Nas tomitanas praias desterrado:

Mais duro fez alli meu duro fado
Da vil calumnia a lingua viperina;
Até que aos mares da longinqua China
Fui por bravos tufões arremessado;

Atassalhou-me a serpe, que devora
Tantos mil, perseguiu-me o gran'gigante
Que no terrivel promontorio mora:

Por barbaros sertões gemi vagante;
Falta-me inda o peor, falta-me agora
Vêr Gertruria nos braços d'outro amante!

Digitized by Google

CXXXII

Praias de Sacavem, que Lemnoria
Orna c'os pés nevados e mimosos,
Gottejantes penedos cavernosos,
Que do Tejo cobris a margem fria:

De vós me desarreiga a tyrannia
Dos asperos destinos poderosos;
Que não querem que eu logre os amorosos
Olhos, aonde jaz minha alegria:

Ó funesto, ó penoso apartamento!
Objecto encantador de meus sentidos,
A sorte o manda assim, de ti me ausento:

Mas inda lá de longe os meus gemidos
Guiados por Amor, cortando o vento,
Virão, nympha querida, a teus ouvidos.

CXXXIII

Camões, grande Camões, quam semelhante
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!
Egual causa nos fez perdendo o Tejo
Arrostar c'o sacrilego gigante:

Como tu, junto ao Ganges sussurrante
Da penuria cruel no horror me vejo;
Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,
Tambem carpindo estou, saudoso amante;

Ludibrio, como tu, da sorte dura
Meu fim demando ao Céo, pela certeza
De que só terei paz na sepultura:

Modêlo meu tu és... Mas, ó tristeza!...
Se te imito nos transes da ventura,
Não te imito nos dons da natureza.

Digitized by Google

N MEMORIAM

CXXXIV

Adeja, coração, vae ter aos lares,
Ditosos lares que Gertruria pisa;
Olha, se inda te guarda a fé, mais liza,
Vê, se inda tem pesar dos teus pesares;

No fulgor de seus olhos singulares
Crestando as azas, tua dôr suavisa,
Amor de lá te chama, te divisa,
Interpostos em vão tão longos mares:

Dize-lhe, que do tempo o leve giro
Não faz abalo em ti, não faz mudança,
Que ainda lhe és fiel n'este retiro:

Sim, pinta-lhe immortal minha lembrança;
Dá-lhe teus ais, e pede-lhe um suspiro,
Que alente, coração, tua esperança.

CXXXV

Ah! que fazes, Elmano? Ah! Não te ausentes
Dos braços de Gertruria carinhosa:
Trocas do Tejo a margem deleitosa
Por barbaro paiz, barbaras gentes?

Um tigre te gerou, se dó não sentes
Vendo tão consternada, e tão saudosa
A tagide mais linda, e mais mimosa;
Ah! Que fazes, Elmano? ah, não te ausentes

Teme os duros cachopos, treme, insano,
Do enorme Adamastor, que sempre vela
Entre as furias, e os monstros do Oceano:

Olha nos labios de Gertruria bella
Como suspira Amor!... Vê, vê, tyranno,
As Graças a chorar nos olhos d'ella!

Digitized by Google

CXXXVI

Deixar, amado bem, teu rosto lindo,
Teus afagos deixar, tua candura,
Tanto me opprime, que da morte escura
Sobre mim negras sombras vem cahindo.

Eu parto, e vou teu nome repetindo,
Porque dê desafôgo á mágua dura;
Meus tristes ais, suspiros de amargura
A'quem dos mares ficarás ouvindo:

Mas se me cercam no cruel transporte
Quantas furias o barathro vomita,
Se meu mal é peor que a mesma morte

O fado em me aterrar em vão cogita!
Com todo o seu poder não pode a sorte
Tua imagem riscar d'esta alma afflicta!

CXXXVII

Não mais, ó Tejo meu, formoso e brando,
A' margem fertil de gentis verdores,
Terás d'alta Ulysséa um dos cantores
Suspiros no aureo metro modulando:

Rindo não mais verás, não mais brincando
Por entre as nymphas, e por entre as flores,
O côro divinal dos nús Amores,
Dos Zephyros azues o affavel bando:

Co'a fronte já sem myrtho, e já sem louro,
O arrebata de rõjo a mão da Sorte
Ao clima salutar, e á margem d'ouro:

Eil-o em fragas de horror, sem luz, sem norte,
Sôa d'aqui, d'alli piado agouro;
Sois vós, destêrro eterno, ermos da morte!

Digitized by Google

CXXXVIII

Já por barbaros climas entranhado,
Já por mares inhospitos vagante,
Victima triste da fortuna errante,
Té dos mais despreziveis desprezado:

Da fagueira esperança abandonado,
Lassas as fôrças, pallido o semblante,
Sinto rasgar meu peito a cada instante
A mágua de morrer expatriado:

Mas, ah! Que bem maior, se contra a sorte
Lá do sepulcro no sagrado hospicio
Refugio me promette a amiga Morte!

Vem, pois, ó nume aos miseros propicio,
Vem, livrar-me da mão pesada e forte,
Que de rastos me leva ao precipicio!

CXXXIX

Aquelle, a quem mil bens outorga o Fado,
Deseje com razão da vida amigo
Nos annos egualar Nestor, o antigo,
De tresentos invernos carregado.

Porém eu sempre triste, eu desgraçado,
Que só n'esta caverna encontro abrigo,
Por que não busco as sombras do jazigo,
Refugio perduravel, e sagrado?

Ah! bebe o sangue meu, tôsca morada;
Alma, quebra as prisões da humanidade,
Despe o vil manto, que pertence ao nada!

Mas eu tremo!... Que escuto!... É a Verdade,
É ella, é ella que do Céo me brada:
Ó terrivel pregão da eternidade!

Digitized by Google

CXL

Qual novo Orestes entre as Furias brada,
Infeliz, que não crês no Omnipotente;
Com systema sacrilego desmente
A razão luminosa, a fé sagrada:

Tua barbara voz eguale ao nada
O que em todas as cousas tens presente;
Basta que o sabio, o justo, o pio, o crente
Louve a mão, contra os máus, do raio armada.

Mas vê, blasphemo atheu, vê, monstro horrendo,
Que a bruta opinião, que cégo expressas,
A\si mesma se está contradizendo:

Pois quando de negar um Deus não cessas,
De tudo o inerte Acaso auctor fazendo,
No Acaso, a teu pesar, um Deus confessas!

CXLI

Se a minha lastimosa desventura
Irreparavel é, se trago escripto
No rosto côr da morte o meu delicto,
Que louca idéa os passos me segura?

Ah! Some-te, infeliz, foge, e procura
Margens quaes as do livido Cocytho,
Brenhas, mattas, sertões, errante, afflicto,
Até que vás parar na sepultura:

O' nume enganador, nume falsario!
O' lubrica Fortuna de quem régo
Em vão com triste pranto o santuario!

Já sem violencia em tuas mãos me entrego;
Sim, vária, aqui me tens inda mais vário,
Cega, a ti me abandono, inda mais cego!

Digitized by Google

IN MEMORIAM

CXLII

O' Deus, ó rei do céo, do mar, da terra,
(Pois só me restam lagrimas, clamores)
Suspende os teus horrisonos furores,
O corisco, o trovão, que a tudo aterra:

Nos subterraneos carceres encerra
Os porcellosos monstros berradores,
Que enchendo os ares de infernaes vapores,
Parece que entre si travaram guerra,

Para nós compassivo os olhos lança,
Perdôa ao fraco lenho, attende ao pranto
Dos tristes que em ti põem sua esperança!

As densas trevas despedaça o manto,
Faze, em signal de proxima bonança,
Brilhar no ethereo tope o lume santo!

CXLIII

Apenas vi do dia a luz brilhante
Lá de Tubal no emporio celebrado,
Em sanguineo caracter foi marcado
Pelos Destinos meu primeiro instante.

Aos dois lustros a morte devorante
Me roubou, terna mãe, teu doce agrado;
Segui Marte depois, e emfim meu fado
Dos irmãos, e do pae me poz distante:

Vagando a curva terra, o mar profundo,
Longe da patria, longe da ventura
Minhas faces com lagrimas inundo:

E emquanto insana multidão, procura
Essas chimeras, esses bens do mundo,
Suspiro pela paz da sepultura.

Digitized by Google

CXLIV

No ethereo prado a lua apascentava
Das estrellas o nitido rebanho,
Quando o misero Almeno em clima extranho
De negro bosque as sombras penetrava:

"Silencio, em cujo horror, que a vista aggrava,
Qual phantasma noctivago me entranho!
Soffre (dizia) os prantos, com que banho
De um crime a nodoa, que o chorar não lava.

"Soffre os gritos... mas ai! que sem piedade
Por entre folha e folha a luz procura
Furtar-me o triste bem da escuridade!

Onde te heide escapar, ó sorte dura,
O' cruel, insoffrivel claridade?
Já sei onde, já sei — na sepultura!"

CXLV

Sobre os contrarios o terror e a morte
Dardeje embora Achilles denodado,
Ou no rapido carro ensanguentado
Leve arrastos sem vida o Teucro forte:

Embora o bravo Macedonio corte
Co'a fulminante espada o nó fadado,
Que eu de mais nobre estimulo tocado,
Nem lhe amo a gloria, nem lhe invejo a sorte:

Invejo-te, Camões, o nome honroso;
Da mente creadora o sacro lume,
Que exprime as furias de Lyêo raivoso:

Os ais de Ignez, de Venus o queixume,
As pragas do gigante procelloso,
O céo de Amor, o inferno do Ciume.

Digitized by Google

IN MEMORIAM

CXLVI

Ser prole de varões assignalados,
Que nas azas da fama e da victoria
Ao templo foram da immortal Memoria
Pendurar mil trophéos ensanguentados:

Lêr seus nomes nas paginas gravados
D'alta epopéa, d'elegante historia,
Não, não vos serve d'esplendor, de gloria,
Almas soberbas, corações inchados!

Ouvir com dôr o miseravel grito
De innocentes, que um barbaro molesta,
Prezar o sabio, consolar o afflicto;

Prender teus vôos, Ambição funesta,
Ter amor á virtude, odio ao delicto,
"Das almas grandes a nobreza é esta."

CXLVI

Adamastor cruel! De teus furores
Quantas vezes me lembro horrorisado!
O' monstro! Quantas vezes tens tragado
Do soberbo oriente os domadores!

Parece-me que entregue a vis traidores
Estou vendo Sepulveda afamado,
Co'a esposa, e c'os filhinhos abraçado,
Qual Mavorte com Venus e os Amores

Parece-me que vejo o triste esposo,
Perdida a tenra prole, e a bella dama,
A's garras dos leões correr furioso:

Bem te vingaste em nós do afouto Gama!
Pelos nossos desastres és famoso;
Maldito Admastor! Maldita fama!

Digitized by Google

CXLVIII

Cala a bôcca, satirico poeta,
Não te mettas no rol dos maldizentes;
Não tragas os mestiços entre dentes,
Restitue ao carcaz a hervada setta;

Dizes que é má nação, que é casta abjecta,
Fructo de enxertos vis? Irra! Tu mentes;
Vae vêr-lhe os seus papeis; são descendentes
Do solar d'Hidalcão por linha recta:

Vem d'heroes, quaes não viu Carthago ou Roma;
De seus avós, andantes cavalleiros,
A chusma de brazões não cabe em somma:

E (se não mentem certos novelleiros)
A muitos d'elles concedeu Mafoma
O fôro de fidalgos escudeiros.

CXLIX

Tu, Goa, *in illo tempore* cidade,
Sempre tens habitantes de bom lote!
Não receiam que a côr se lhes desbote,
Privilegio da mista qualidade:

Nenhum ha, que não conte, e sem vaidade,
Que seu primeiro avô, brutal Quixote,
Dera no padre Adão com um chicote
Por lhe haver disputado a antiguidade:

Diz-nos esta republica de loucos
Que o cofre do Marata é ninharia,
Que do gran'Turco os redditos são poucos:

Mas em casando as filhas, quem diria
Que o dote consistisse em quatro côcos,
Um cafre, dez bajús, e a senhoria!

Digitized by Google

CL

Lusos heróes, cadaveres sédiços,
Erguei-vos d'entre o pó, sombras honradas,
Surgi, vinde exercer as mãos mirradas
N'estes vis, n'estes cães, n'estes mestiços:

Vinde salvar d'estes pardaes castiços
As searas de arroz, por vós ganhadas;
Mas ah! poupae-lhes as filhas delicadas,
Que ellas culpa não teem, teem mil feitiços:

De pavor ante vós no chão se deite
Tanto fusco rajá, tanto nababo,
E as vossas ordens trémulo respeite:

Vão para as varzeas, leve-os o Diabo;
Andem como os avós, sem mais enfeite
Que o langotim, diametro do rabo.

CLI

Das terras a peor tu és, ó Goa,
Tu pareces mais ermo, que cidade;
Mas alojas em ti maior vaidade
Que Londres, que Paris, ou que Lisboa:

A chusma de teus incolas pregôa
Que excede o gran Senhor na qualidade;
Tudo quer senhoria; o proprio frade
Allega, para têl-a, o jus da c'rôa!

De timbres prenhe estás; mas ouro e prata
Em cruzes, com que d'antes te benzias,
Foge a teus infanções de bolsa chata:

Oh! que feliz, e esplendida serias,
Se algum fusco Merlim, que faz bagata,
Te alborcasse a pardáus as senhorias!

Digitized by Google

CLII

Eu vim c'roar em ti minhas desgraças,
Bem como Ovidio misero entre os gétas,
Terra sem lei, madrasta de poetas,
Estuporada mãe de gentes baças:

Teus filhos, antes cães de muitas raças,
Que não mordem com dentes, mas com tretas,
E que impingir nos vem, como a patetas,
Gatos por lebres, ostras por vidraças:

Tens várias casas, armazens de ratos,
Tens febres, mordachins em demasia,
De que escapamos a poder de tratos:

Mas a tua peor epidemia,
O mal que em todos dá, que produz flatos,
É a vã, negregada senhoria.

CLIII

Quer vêr uma perdiz chocar um rato,
Quer ensinar a um burro anatomia,
Exterminar de Goa a senhoria,
Ouvir miar um cão, ladrar um gato:

Quer ir pescar um tubarão no mato,
Namorar nos serralhos da Turquia,
Escaldar uma perna em agua fria,
Vêr uma cobra castiçar co'um pato:

Quer ir n'um dia de Surrate a Roma,
Lograr saude sem comer dois annos,
Salvar se por milagre de Mafoma:

Quer despir a basofia aos castelhanos,
Das penas infernaes fazer a somma,
Quem procura amizade em vís gafanos.

Digitized by Google

IN MEMORIAM

CLIV

Pilha aqui, pilha alli, vozeia auctores,
Montesquieu, Mirabeau, Voltaire, e vários;
Propõe systemas, tira corollarios,
E usurpa o tom d'emphaticos doutores:

Sciencia de livreiros e impressores
Traz da vasta memoria nos armarios;
E tractando os christãos de visionarios,
Só rende culto a Venus, e aos Amores:

A mulher, que a barriga lhe tem fôrra
Do jugo da vital necessidade,
Deixa em casa gemer, como em masmorra

Este biltre, labéo da humanidade.
É um tal zote, um bacharel de borra;
Tem de um burro o juizo, e a castidade.

CLV

Tragedia de Tancreu, rei de Disuria,
Original em plano, atroz no enredo;
Tem actos dez, o heróe morre de medo,
Depois de onze minutos de lamuria:

Tragedia de Rum rum, sultão da Incuria,
Que honrar a patria ha de ir um dia cedo;
Pregão, baraço, açoutes, e degredo
Pilha o protagonista, e lambe a injuria:

Peça de Gorgorão, rei de Biôco,
Terra ao norte da Lybia, ao sul do mappa,
A acção vem nos *Annaes de Manuel Côco:*

Eis com que ao Lethes o aranhiço escapa:
Tem mais sete em borrão, que dentro em pouco
Aos zangãos do café irão dar pápa.

Digitized by Google

CLVI

Quarta-feira quatorze do corrente
Se apresenta outra vez com bom scenario
No Salitre a comedia do "Antiquario„,
A que tem concorrido immensa gente:

É obra traduzida novamente
Por um poeta, amigo do empresario,
Memorião, que engole um diccionario,
E orna de verdes pampanos a frente:

Em logar d'entremez se hade seguir
Do Franco a grande peça curiosa,
Tragedia de "Sesostris„ que faz rir:

Tem versos naturaes; parecem prosa!
Que venha o nobre publico applaudir
Espera a companhia obsequiosa.

CLVII

Em vermelho cartaz propôz-se á scena
Lusa tragedia, que a nação gloría;
Do gran Nuno Gonçalves de Faria,
Producção singular de uma habil penna:

No acto primeiro Elvira, em não pequena
Fala, maldiz da guerra a sanha impia:
Amante, irmão, e pae vem á profia
Tudo zangar co'a mesma cantilena:

Heroicidade em versos cento e cento;
Engana o heroe o hispano, morre á espada,
Lugubre a final lê-se um testamento:

De nupcias houve certa misturada;
Findou-se o drama, pôz-se em movimento
Na bôcca o riso, o pé com pateada.

Digitized by Google

CLVIII

Dos torridos sertões, pejados d'ouro,
Sahiu um sabichão d'escassa fama,
Que os livros préza, os cartapacios ama,
Que das linguas repartem o thesouro:

Arranha o persiano, arranha o mouro,
Sabe que Deus em turco *Allah* se chama;
Que no grego alphabeto o G é *gamma*,
Que *taurus* em latim quer dizer touro:

Para papaguear sahiu do mato:
Aboccanha talentos, que não gosa;
É mono, e prega unhadas como gato:

É nada em verso, quasi nada em prosa:
Não conheces, leitor, n'este retrato
O guapo charlatão Thomé Barbosa?

CLIX

Amigo Frei João, cuidas que é barro
O fumoso tabaco por que bérro?
Um nigromante me transforme em perro,
Se ha coisa para mim como o cigarro!

Elle me arranca pegajoso escarro,
Que nas fornalhas d'este peito encerro:
O frio, as afflicções de mim destérro,
Quando lhe lanço a mão, quando lhe agarro:

De vicio tal, se é vicio, não me corro;
E só tomo rapé, simonte, ou esturro,
Quando quero zangar algum cachorro.

Amigo Frei João, não sejas burro;
Dize bem do cigarro senão morro:
Traze-me lume já, ou dou-te um murro!

Digitized by Google

CLX

Esse cabra, ou cabrão, que anda na berra,
Que mammou no Brasil surra e mais surra,
O vil estafador da vil bandurra,
O perro, que nas cordas nunca emperra:

O monstro vil, que produziste, ó terra,
Onde narizes natureza esmurra,
Que os seus nadas harmonicos empurra,
Com parda voz, das paciencias guerra:

Ò que sáe no focinho á mãe cachorra,
O que nescias applaudem mais que a "Myrrha",
O que nem veiu de prosapia fôrra:

O que afina inda mais quando se espirra,
Merece á philosiphica pachorra
Um corno, um passa fora, um arre, um irra.

CLXI

Vivem por hi alguns de várias tretas,
Com um, eu esbravejo, com outros mango;
Que opio dás ao machete orangotango,
Tu, gloria das carrancas semi-pretas!

Quando acompanhas de infernaes caretas
Insipido londum, ou vil fandango,
Não posso tal soffrer: eu ardo, eu zango,
Que no auge do assombro te intromettas:

Crespo Arion, Orpheu de carapinha,
Já de sobejo tens fartado a gana
No seio da formosa patria minha:

Com o faro de chulice americana
Para o cálido sul cortando a linha
Vae cevar te no côco, e na banana.

Digitized by Google

CLXII

Conhecem um vigario de chorina,
De insulsa phrase, de relé maruja?
Sapo immundo, que bebe, ou que babuja
No que deita por fora a Cabalina?

Este é um tal Franco, um tal sovina,
Que orelhas mil e mil com trovas suja,
Digno rival do mocho, e da coruja
Quando a voz desenfreia, a banza afina:

Faz versos em francez, francez antigo,
Em giria de Veneza, e finalmente
Em corrupto hespanhol; leve o castigo:

Elle diz que são bons, e os mais que mente;
Põe mãos á obra, faze o que te digo,
Chicoteia esse bruto, e crê na gente.

CLXIII

O mundo a porfiar que o Franco é tôlo,
O Franco a porfiar que o mundo mente!
Irra! o padre vigario é insolente,
Raspem-lhe as mãos, e fervam-lhe o carolo:

Da brilhante razão jámais o rôlo
Lhe entrou no casco, lhe raiou na mente;
Mas como a natureza é providente,
Com a basofia suppre-lhe o miolo.

Ora, vão trovador do "Heroe do Egypto„,
Tu não ouves, não vês o que se passa
A'cêrca dos papeis, que tens escripto?

A copia de "Gessner„ deu-se de graça;
"Psyche„ jaz de capella e de palmito;
"Sesostris„ infeliz morreu de traça.

Digitized by Google

CLXIV

Havia mais de um mez que o bom Lizeno
Fechar sequer um ôlho não podia;
Submettido á fatal sabedoria
Do respeitavel medico pequeno:

Hippocrates d'aqui, d'alli Galeno
Revolvia o tacão na livraria;
Remedios contra a insomnia requeria,
Porém cada receita era um veneno:

Eis do Franco lhe lembra em continente
Cada verso, mais duro do que um tronco,
E *recipe* de alguns forma ao doente:

Em curta dóze applica o metro bronco;
Receitou-lhe um terceto; eis de repente
Começa a bocejar, e prega um ronco.

CLXV

Li as quatorze regras aos pennachos,
A trova que as orelhas nos magôa;
Viva a maruja phrase — *Estou na prôa*...—
Modêlo singular de termos baixos!

A lembrança dos bois, burros, e machos
É lembrança feliz, é coisa boa!
Pois o *palheiro, que sem péso vôa!*...
Isso dá jús á cilha e berbicachos:

O logar onde a mão findou seis linhas
Podia muito bem ficar em branco,
Sem fazer falta ás pobres das vizinhas:

O quinto indigno verso é quasi manco;
A idéa tem mais sal que tres marinhas;
E a córnea conclusão laureia o Franco!

Digitized by Google

IN MEMORIAM
oaquim Borges de Menezes

CLXVI

Volve a Peniche, ó zanga de Lisboa,
Ó testa capataz das ôcas testas!
Vive entre os teus eguaes, vive entre as bestas,
E entre bestas vivendo abate a prôa:

Quem versos sem sabor produz á tôa
Só nos póde brindar com obras d'estas;
Deixa brilhar nas procissões, nas festas
Nymphas de quem cupido em tôrno vôa:

Mais bruto do que os bois, burros, e machos,
Ao lindo sexo amavel dás batalha,
Porque talvez te ornou de alguns pennachos!

No amor da experta Nize achaste falha,
Ou antes o fervor, que vem dos cachos,
Te fez, tôsco palheiro, arder a palha.

CLXVII

Rapada, amarellenta cabelleira,
Vesgos olhos, que o chá, e o dôce engoda;
Bôcca, que á parte esquerda se accommoda,
(Uns affirmam que fede, outros que cheira:)

Japona, que da ladra andou na feira;
Ferrugento faim, que já foi moda
No tempo em que Albuquerque fez a poda
Ao soberbo Hidalcão com mão guerreira:

Ruço calção, que *espipa* no joelho,
Meia e sapato com que ao lôdo avança,
Vindo a encontrar-se c'o esburgado artelho:

Jarra, com appetites de creança;
Cara com semelhança de besbelho;
Eis o bedel do Pindo, o doutor França.

Digitized by Google

CLXVIII

Melizeu, o menor entre os nascidos,
De face cadaverica e nojosa,
Phtisico em verso, apoquentado em prosa,
Horrido aos olhos, horrido aos ouvidos:

Soltando dissonantes alaridos
Da bôcca transversal, erma, e gulosa,
Insulta a quem de Phebo os mimos gosa,
Estafa-se em preceitos não cumpridos:

Ao vate Elmano plagiario chama,
Sendo o mais desprezivel plagiario,
Que o que pilha desluz, corrompe, infama:

Profanador do Aonio santuario,
Lobis homem do Pindo, orneia, ou brama,
Até findar no inferno o teu fadario!

CLXIX

Esse cantor de chá, manteiga, e queijo,
Rato que róe do Caldas a substancia,
Pygmeu de insupportavel arrogancia,
Que morde mais que pulga, ou persevejo:

Acceso no phrenetico desejo
D'exceder dos Quixotes a constancia,
A' frondosa Funchal mandou com ancia
Atado em verde fita um triste beijo:

Pendia em tiracollo ao deus frécheiro
A terna off'renda; eis Zephyro ladino
O beijinho impelliu para o traseiro:

Quintanilha! Que opprobrio! Que destino!
Mimo, que ia ao teu bem, tocou primeiro
O nedio .. do trêfego menino!

Digitized by Google

CLXX

Intruso no Apollineo santuario,
Dar leis a cégos, illudir pedantes,
Uivar entre as phreneticas bacchantes,
Qual vago lobis-homem em seu fadario:

Voar de diccionario em diccionario,
Pilhando aqui e alli porções brilhantes;
Aguarentar com mãos surripiantes
pygmeu de Cintra, teu verboso erario:

Por fôfos versos compassar tregeitos,
Converter em trovão qualquer suspiro,
Em tarda prosa chan roncar preceitos:

Com remendadas purpuras de Tyro
Vestir absurdos, embuçar defeitos;
Eis os progressos do pavão Belmiro.

CLXXI

Belmiro, que entre os pampanos farfalha,
Affectando entoar canções divinas,
Fez, cansado d'asneiras pequeninas,
Uma, que até percebe a vil gentalha:

N'esse idyllio, em que Fauno irado ralha,
O divino amador das phrases finas
Pôz o cornudo Pan, deus das campinas,
De bruços a beber na vinea talha:

Um nume, que apesar do pé caprino
Teve altar, teve incenso, e reverencia,
Jaz na classe das bestas? Irra! afino!

Que mesquinhez do vate, e que insolencia
Tudo por cinco réis, quando o mofino
Co'um pucaro poupava esta indecencia!

Digitized by Google

CLXXII

Junto ao Tejo, entre os tenros Amorinhos,
As belmiricas musas pequeninas,
Para agradar a estupidas meninas
Haviam fabricado uns bonequinhos:

Com elles os travêssos rapazinhos,
Que são mui folgazões, e mui traquinas,
Armaram mil subtis alicantinas,
E os lançaram depois n'uns bispotinhos:

Eis tagide louçã de eburneo collo,
A quem não vencerá, por mais que lucte,
O nosso Belmirinho, anão de Apollo,

Surge d'agua, e lhe diz: — "Filhinho, escute;
Olhe com que noticia hoje o consolo!
É poeta do rei Lilipute!„

CLXXIII

Preside o neto da rainha Ginga
Á corja vil, aduladora, insana:
Traz sujo moço amostras de chanfana,
Em copos deseguaes se exgotta a pinga:

Vem pão, manteiga, e chá, tudo á catinga;
Masca farinha a turba americana;
E o orangotango a corda á banza abana,
Com gestos e visagens de mendiga:

Um bando de comparsas logo acode
Do fôfo Conde ao novo Talaveiras;
Improvisa berrando o rouco bode:

Applaudem de continuo as frioleiras
Belmiro em dithyrambo, o ex-frade em ode;
Eis-aqui de Lereno as quartas feiras.

Digitized by Google

CLXXIV

Vós, ó Franças, Semmedos, Quintanilhas,
Macedos, e outras pestes condemnadas;
Vós, de cujas bozinas penduradas
Tremem de Jove as melindrosas filhas:

Vós, nescios, que mammaes das vis quadrilhas
Do baixo vulgo insonsas gargalhadas,
Por versos máus, por trovas aleijadas,
De que engenhaes as vossas maravilhas:

Deixae Elmano, que innocente e honrado
Nunca de vós se lembra, meditando
Em cousas sérias, de mais alto estado:

E se quereis, os olhos alongando,
Eil-o! Vêde-o no Pindo recostado,
De perna erguida sobre vós .....!

CLXXV

Não tendo que fazer Apollo um dia
Às Musas disse: "Irmãs, é beneficio
Vadios empregar; dêmos officio
Aos socios vãos da magra Academia:

"O Caldas satisfaça a padaria;
O França d'enjoar tenha exercicio,
E o auctor do entremez do rei egypcio
O Pegaso veloz conduza á pia:

"Vá na Ulysséa tasquinhar o ex-frade:
Da sala o Quintanilha accende as vélas,
Em se juntando alguma sociedade:

"Bernardes nenias faça, e *rôa* n'ellas;
E Belmiro, por ter habilidade,
Como d'antes, trabalhe em bagatellas."

Digitized by Google

CLXXVI

Contra Elmano Sadino urrando avança
O esteril Corydon, o vão Belmiro,
Bernardo, o Nenias, lugubre vampiro,
Que do extincto Miguel possue a herança;

O curto Quintanilha, o torpe França,
O tonsurado retumbante Elmiro,
Vibram tiros ao vate, e é cada tiro
Mais frouxo, que pedrada de creança:

Elmano solta um... eis foge tudo;
Eis os socios ganindo ao som do traque,
Quaes do funil appenso os cães no entrudo:

Mas se inda a corja renovar o ataque,
Bocage que fará? Pôr-se de escudo,
Perder doze vintens n'um Almanach.

CLXXVII

De insipida sessão no inutil dia
Juntou-se do Parnaso a galegage;
Em phrase hirsuta, em gothica linguage
Belmiro um dithyrambo principia:

Taful, que o portuguez não lhe entendia,
Nem ao resto da comica salsage,
Saca o soneto, que lhe fez Bocage,
E conheceu se n'elle a Academia:

Dos socios o peor silvou qual cobra,
Desatou-se em trovões, desfez-se em raios,
Dando ao triste Bocage o que lhe sobra:

Fez na calumnia vil crueis ensaios,
E jaz com grandes creditos a obra
Entre mãos de marujos, e lacaios.

Digitized by Google

CLXXVIII

Tu, França, que na ode és mar em calma;
Tu, mocho da pieria soledade,
Bernardo, a quem no horror da escuridade
Com dois versos á morte o estro acalma:

Quintanilha, pygmeu no corpo e n'alma;
Da matriz d'Almostér tu, calvo abbade;
Belmiro, anão de Appollo, e tu, ex-frade,
Que em trovas de bum-bum levas a palma:

Vates, que mereceis do cardo a rama;
Turba, que as settas da calumnia afias;
Momentaneo borrão da alheia fama:

Dá cabo das sessões, com que enfastias;
Por mão do secretario entrega á chamma
Papelada servil de ninharias!

CLXXIX

O' triste, malfadada Academia!
O vate Elmano em satiras se espraia;
Fervem correios ao loquaz Talaia,
Que a todos teu descredito annuncia:

Apollo exulta, o povo te assobia;
A gloria tua em convulsões desmaia;
Ah! primeiro que a pobre em terra caia,
Corte-se o vôo da fatal porfia:

Ao satirico audaz põe duro freio,
Pune o declamador, que te flagella;
Dá-lhe assento outra vez no magro seio:

Bem como a quem profana uma donzella,
Que em pena do affrontoso estupro feio
Fazem próvidas leis casar com ella.

Digitized by Google

CLXXX

Deixa, insigne Bocage, insulsos vates,
Que o zêlo teu á guerra desafia;
Brutos são, desconhecem poesia,
Com as armas de Apollo em vão combates:

Por mais que em corrigil-os te dilates
Fructo só tirarás d'essa porfia
Conduzindo-os á alta enfermaria
Da piedosa casa dos orates:

A Loreno, que é homem de juizo,
Por muitos versos, cheios de belleza,
Perdôa, se não gostas de improviso:

O egypcio *entremez* elle despreza;
Nos outros, socio Elmano, é que é preciso,
Palhas, dietas, e vergalhada tesa.

CLXXXI

Por casa de Phebo entrou co'um vil bugio;
As Musas o animal não conheciam,
E fugiam assustadas do que viam
Foi de ventas a terra a pobre Clio:

"Não fujam! Venham cá!... Não é bravio,—
Gritava o deus; e as manas, que tremiam,
Todas por uma voz lhe respondiam;
"Ai! Que bicho tão feio! ..Ai! Não me fio!...,,

"Qual feio (acode Apollo) é mui galante;
E na figura, e gestos, dá mil provas
De ser em parte aos homens semelhante:

"Caldas o nomeei; com graças novas
Faz-me estalar de riso a cada instante,
E em premio lhe concedo o dom das trovas.,,

Digitized by Google

CLXXXII

Lembrou-se no Brasil bruxa insolente
De armar ao pobre mundo extranha peta;
Procura um mono, que infernal careta
Lhe faz de longe, e lhe arranha o dente:

Pilhando-o por mercê do averno ardente,
Conserva-lhe as feições na face preta;
Corta-lhe a cauda, veste-o de roupeta,
E os guinchos lhe converte em voz de gente:

Deixa-lhe os callos, deixa-lhe a catinga;
Eis entre os lusos o animal sem rabo
Prole se acclama da rainha Ginga:

Dos versistas se diz modêlo, e cabo;
A sua alta sciencia é a mandinga,
O seu benigno Apollo é o Diabo.

CLXXXIII

"Não presta Corydon, não presta Elpino,
Filinto é ninharia, é lixo Alfeno;
Albano fala só do Tejo ameno,
Só tardes e manhãs descreve Alcino:

"Trescala aos seiscentistas o Paulino;
Pois Bocage! Isso é peste, isso é veneno!„
Roncava charlatão rolho e pequeno,
Pequeno em corpo, em alma pequenino:

"Quem acha vossemecê (lhe sae d'um lado
Taful do sério rancho das lunetas)
Quem acha para versos estremado?„ —

Quem! (dis o tal) não façam lá caretas:
Um, que dos seus papeis anda pejado,
O aguasil Daniel, cantor de pêtas.„

Digitized by Google

CLXXXIV

"Das Petas o Almocreve„ é obra tua,
Bem se vê, Daniel, na phrase e gosto;
Adiça tres de Abril, ou seis de Agosto,
E de quem vende as rimas pela rua:

Cheira a teu nome o roubo da perúa,
E entre o tostado arroz o gato posto;
Eis a obra melhor, que tens composto,
Inda que de artificio e graça núa:

A gente por Lisboa anda pasmada,
Vendo-te farto, e cheio como um ovo
Dos alvos pintos, que te deu por nada

E frio de terror murmura o povo
Que a tua estupidez anda pejada,
E que cêdo se espera um parto novo.

CLXXXV

Tomo segundo á luz sahiu das "Rimas
De José Daniel Rodrigues Costa,„
Obra mui de vagar, mui bem composta,
E sujeita depois a doutas limas:

Fala em opios, em manas, fala em primas,
Diz cousas de que a plebe não desgosta,
Morde em peraltas, na relé disposta
A saltos, macaquices, pantominas:

Por estas, e por outras que tem feito
Verá qualquer leitor nas obras suas
Que elle para versar nasceu com geito:

Acham se em tendas, acham-se em commuas;
E para lhe augmentar honra e proveito,
As vende o proprio auctor por essas ruas.

Digitized by Google

IN MEMORIAM

CLXXXVI

Sanhudo, inexoravel Despotismo,
Monstro que em pranto, em sangue, a furia cevas,
Que em mil quadros horrificos te enlevas,
Obra da Iniquidade e do Atheismo:

Assanhas o damnado Fanatismo
Porque te escore o throno onde te enlevas;
Porque o sol da Verdade envolva em trevas,
E sepulte a Razão n'um denso abysmo:

Da sagrada Virtude o collo pisas,
E aos satellites vis da prepotencia
De crimes infernaes o plano gizas:

Mas, apesar da barbara insolencia,
Reinas só no ext'rior, não tyrannisas
Do livre coração a independencia.

CLXXXVII

Liberdade, onde estás? Quem te demora?
Quem faz que o teu influxo em nós não caia?
Por que (triste de mim!) por que não raia
Já na esphera de Lysia a tua aurora?

Da santa redempção é vinda a hora
A esta parte do mundo, que desmaia:
Oh! Venha... Oh! Venha, e trémulo descaia
Despotismo feroz, que nos devora!

Eia! Acode ao mortal, que frio e mudo
Occulta o patrio amor, torce a vontade,
E em fingir, por temor, empenha estudo:

Movam nossos grilhões tua piedade;
Nosso numen tu és, e gloria, e tudo,
Mãe do genio e prazer, ó Liberdade!

Digitized by Google

CLXXXVIII

Liberdade querida, e suspirada,
Que o Despotismo acerrimo condemna;
Liberdade, a meus olhos mais serena
Que o sereno clarão da madrugada!

Attende á minha voz, que geme e brada
Por vêr-te, por gosar-te a face amena;
Liberdade gentil, desterra a pena
Em que esta alma infeliz jaz sepultada;

Vem, ó deusa immortal, vem, maravilha,
Vem, ó consolação da humanidade,
Cujo semblante mais que os astros brilha;

Vem, solta-me o grilhão d'adversidade;
Dos céos descende, pois dos céos és filha,
Mãe dos prazeres, dôce Liberdade!

CLXXXIX

A prole de Antenor degenerada,
O debil resto dos heroes troyanos,
Em jugo vil de asperrimos tyrannos,
Tinha a curva cerviz já callejada:

Era triste synonymo do nada
A morta liberdade envôlta em damnos;
Mas eis que irracionaes vão sendo humanos!
Graças, ó Corso excelso, á tua espada!

Tu, purpureo reitor; vós, membros graves,
Tremei na curia da sagaz Veneza;
Trocam-se as agras leis em leis suaves:

Restaura-se a razão, cáe a grandeza,
E o feroz despotismo entrega as chaves
Ao novo redemptor da natureza.

Digitized by Google

IN MEMORIAM

CXC

Não sinto me arrojasse o duro fado
N'esta abobada feia, horrenda, escura,
N'esta dos vivos negra sepultura,
Onde a luz nunca entrou do sol dourado:

Não me consterna o ver me trespassado
Com mil golpes crueis da desventura,
Porque bem sei que a fragil creatura
Raramente é feliz no mundo errado:

Não choro a liberdade, que enleiada
Tenho em ferreas prisões, e a paz ditosa,
Que voou da minh'alma attribulada:

Só sinto que Marilia rigorosa
Entre os braços de Aonio reclinada
Zombe da minha sorte lastimosa.

CXCI

N'esta, do feio opprobio estancia feia,
Que abafas, mãe das trevas, com teu manto,
Muda tristeza, carrancudo espanto
O amotinado espirito me anceia:

Das sombras abrigada a fragil teia
Urde Arachne sagaz de canto em canto,
Minha imaginação faz outro tanto,
Mil tristes pensamentos forma, enleia:

Minha imaginação de algoz me serve,
Forçando-me a que os gostos d'algum dia
Submersos d'este horror no abysmo observe:

D'encontradas visões na phantasia
Baralhado tropel me cáe, me ferve,
E n'esta confusão reluz Armia.

Digitized by Google

CXCII

Quando na rosea nuvem sobe o dia
De risos esmaltando a natureza,
Bem que me aclare as sombras da tristeza
Um tempo sem sabor me principia:

Quando por entre os véos da noite fria
A machina celeste observo accesa,
D'angustia, de terror a imagens prêsa
Começa a devorar-me a phantasia.

Por mais ardentes preces, que lhe faço,
Meus ais não ouve o numen somnolento,
Nem prende a minha dôr com ténue laço:

No inferno se me troca o pensamento;
Céos! Por que hei de existir, por que, se passo
Dias d'enjôo, e noites de tormento?

CXCIII

Folheando os annaes da antiguidade.
Lendo n'elles, ó Pyramo, o teu fado,
Vendo o peito d'Elisa atravessado
Do ferro, que empunhou cruel saudade:

Chamado pela voz da Liberdade,
Do desengano pela mão guiado,
Fui jurar da Razão no altar sagrado
Rancor eterno á céga divindade:

Mas o traidor, que aos mesmos céos se atreve
Notando no meu voto o seu desdouro,
De fazer-me perjuro astucias teve:

Mostrou-me de mil graças um thesouro,
E obrigou-me a beber por mãos de neve
"Refinado veneno em taça d'ouro."

Digitized by Google

IN MEMORIAM

CXCIV

Edosa fada, que nos astros lia,
Mil males me agourou com turvo aspecto;
Mil males me agourou, mas indiscreto
Tratei de falsa a negra prophecia;

Depois d'aquelle brusco, infausto dia
Sempre velando as noites inquieto,
Grasnar sinistro corvo sobre o tecto,
Piar afflicto mocho á porta ouvia:

Vi d'um loureiro o tronco fulminado,
Vi d'um cometa o resplendor temivel,
Vi feias sombras voltejar me ao lado:

E vejo-te nas mãos da morte horrivel,
Ó minha Filis! — Eis verificado
"O desmentido oraculo terrivel.„

CXCV

Quem se vê maltratado, e combatido
Pelas crueis angustias da indigencia,
Quem soffre de inimigos a violencia,
Quem geme de tyrannos opprimido:

Quem não pode ultrajado, e perseguido
Achar nos Céos, ou nos mortaes clemencia,
Quem chora finalmente a dura ausencia
De um bem, que para sempre está perdido:

Folgará de viver, quando não passa
Nem um momento em paz, quando a amargura
O coração lhe arranca e despedaça?

Ah! Só deve agradar-lhe a sepultura,
Que a vida para os tristes é desgraça,
"A morte para os tristes é ventura.

Digitized by Google

CXCVI

Do velho Ertilio, magico afamado,
Meus passos dirigi ao antro escuro,
Bradei-lhe: — "O semi-deus, que em teu conjuro
Tens dom, que força o barathro inflammado!

Se hei de ser como Tirsalia desgraçado,
Me dize: pois que lendo no ether puro,
Alças o véo do turbido futuro,
Sopras a nevoa, que rodeia o fado.

Eis n'isto o mago tres vezes meneia
A veneravel fronte; e em tom divino
D'esta arte as esperanças me cerceia:

"Pesquisar o vindouro é desatino;
Rogas-me em vão; só Jupiter folheia
"O livro annoso do fatal destino".

CXCVII

Elmano, de teus mimos anhelante,
Elmano em te admirar, meu bem, não erra;
Incomparaveis dons tua alma encerra,
Ornam mil perfeições o teu semblante:

Grangeias sem vontade a cada instante
Claros triumphos na amorosa guerra:
Thesouro que do céo vieste á terra,
Não precisas dos olhos d'um amante.

Oh! Se eu pudesse, Amor, oh! se eu pudesse
Cumprir meu gôsto! Se em altar sublime
Os incensos de Jove a Lilia désse!

Folgára o coração quanto se opprime;
E a razão que os excessos aborrece,
Notando a causa revelara o crime.

Digitized by Google

CXCVIII

De nocturno, horroroso pesadêlo
Fui na mente sombria atormentado;
Inda palpito, da visão lembrado,
Esfria o sangue, erriça-se o cabello:

Vi d'um lado a Desgraça impondo o sêllo
A's leis, que em damno meu creara o Fado;
Meus males em tropel vi d'outro lado
Ais dirigindo a corações de gêlo.

Co'a patria, mundo, e céo me vi malquisto,
Ao longe a Gloria laureada, e bella,
Ouvi dizer-me: — "De te honrar desisto!„

Tive a morte ante mim tôrva, amarella;
Furias, Manes: — O horror não parou n'isto,
Vi Nize, e o meu rival nos braços d'ella.

CXCIX

Nize mimosa, como as Graças pura,
Amavel Nize como as Graças bella,
Se inda em teus olhos me pertence aquella
Maviosa affeição, que fere, e cura:

Um ai, penhor de candida ternura,
Envia ao triste, que esmorece, anhela;
Que em ti cuidando solitario véla
No seio antigo de masmorra escura;

Manda-lhe um ai, meu bem, com elle afaga
Do ancioso amante o coração ferido,
A quem mordaz saudade assanha a chaga:

Das minhas afflicções compadecido
Nas azas côr de neve Amor o traga;
Pago será com mil um só gemido.

Digitized by Google

CC

Nas horas de Morpheu vi a meu lado
Pavoroso gigante, enorme vulto:
Tinha na mão sinistra, e quasi occulto,
Volume em ferrea pasta encadernado:

— Ah! Quem és (lhe pergunto arripiado)?
Mereces o meu odio, ou o meu culto?
"Sou (me diz) o que em sombras te sepulto,
Sou teu perseguidor, teu mal, teu Fado.

"Corres, triste mortal, por minha conta;
Mas ha de a meu despeito haver quem córte
A serie de tormentos, que te affronta:

"Poder vem perto, que te mude a sorte;
Lá tens o teu regresso...„ — E n'isto aponta,
Olho rapidamente, e vejo a Morte.

CCI

Accêso no almo ardor, que a mente inflamma,
Vivo de Amor, de Amor suspiro e canto;
Na face agora o riso, agora o pranto,
D'arvore tua, ó Phebo, eu cinjo a rama:

Prezo a dôce moral, na voz da fama
Meu nome pouco a pouco aos céos levanto;
Mas turba vil, que abato, anceio e espanto,
Urde em meu damno abominavel trama;

Réo me delata de horrida maldade,
Projecta anniquilar-me o bando rude,
Envôlto na letêa escuridade:

Que falsa idéa, ó zoilos, vos illude?
Furtaes-me a paz? Furtaes-me a liberdade?
Fica-me a gloria, fica-me a virtude.

Digitized by Google

CCII

Bem hajas, ó Morpheu! Á phantasia
Que scena divinal me déste agora!
Nize, qual sáe da noite a grata aurora,
Surgiu-me d'entre as sombras da agonia.

Mais bello inda a saudade me fingia
O gesto encantador, que os céos namora;
Cuido que inda me afaga, que inda chora
Pranto, que morta flôr viver faria.

Graças, ó nume, de meus ais maguado!
Alta mercê meu coração te deve,
Por este acinte, que fizeste ao fado:

Só tua divindade a tal se atreve;
Mas ah! Que eras prazer de um desgraçado
Sempre mostraste, ó sonho, em ser tão breve.

CCIII

Na accêsa phantasia estou medindo
Os passos, e as acções da minha amada;
Noto-lhe o puro collo, a mão nevada,
Os olhos divinaes, o gesto lindo:

Vejo-a com dôces lagrimas sentindo
Minha acerba oppressão de horror cercada,
E em tôrno da belleza amargurada
As Graças soluçando, Amor carpindo:

A tudo quanto a vê, quanto a rodeia
Té mesmo irracional e inanimado,
Obriga a suspirar, commove, anceia:

E de a ter com meus males consternado
Talvez lá na profunda estancia feia
Dê tambem algum ai meu duro fado.

Digitized by Google

CCIV

Excedo lustros seis por mais tres annos,
Mas bem que juvenis meus annos sejam,
Já murcham de agonia, e já me alvejam
Não raros na cabeça os desenganos.

Os fados, meus verdugos, meus tyrannos,
Que de Pandora o cofre em mim despejam,
Folgam de que os mortaes nas cans me vejam
Tristes amostras de frequentes damnos.

Parece que devia a formosura
Vingar-me dos crueis commigo irados,
E da ternura o premio ser ternura:

Mas Nize (ó vãos extremos desgraçados!)
Na trança infausta branquear procura
O resto escuro, que escapou aos fados.

CCV

Em sordida masmorra aferrolhado,
De cadeias asperrimas cingido,
Por ferozes contrarios perseguido,
Por linguas impostoras criminado:

Os membros quasi nús, o aspecto honrado
Por vil bôcca, e vil mão, roto e cuspido,
Sem vêr um só mortal compadecido
De seu funesto, rigoroso estado:

O penetrante, o barbaro instrumento
De atroz, violenta, inevitavel morte
Olhando já na mão do algoz cruento:

Inda assim não maldiz a iniquia sorte,
Inda assim tem prazer, socego, alento,
O sabio verdadeiro, o justo, o forte.

Digitized by Google

IN MEMORIAM
Joaquim Borges de Menezes

CCVI

Tu, que em torpes desejos atolado
Vergonhosos prostibulos frequentas:
Tu, que os olhos famintos alimentas
No cofre, de thesouros atulhado.

Tu, que do ouro e da purpura adornado
Quasi d'egual a Jupiter ostenta,
Bebendo as phrases vis, e peçonhentas
Do bando adulador, que tens ao lado:

Monstros, que deshonraes a humanidade,
Desprezando a pobreza attribulada,
E transgredindo a lei da caridade:

O Desengano ouvi, que assim vos brada:
"Tremei da pavorosa eternidade,
Tremei, filhos do pó, filhos do nada!„

CCVII

Os milhões de aureos lustres coruscantes
Que estão da azul abobada pendendo:
O sol, e a que illumina o throno horrendo
D'essa, que amima os avidos amantes:

As vastissimas ondas arrogantes,
Serras d'espuma contra os céos erguendo,
A lêda fonte humilde o chão lambendo,
Lourejando as searas fluctuantes:

O vil mosquito, a próvida formiga,
A rama chocalheira, o tronco mudo,
Tudo, que ha Deus a confessar me obriga:

E para crêr n'um braço, auctor de tudo,
Que recompensa os bons, que os máus castiga,
Não só da fé, mas da razão me ajudo.

Digitized by Google

CCVIII

Filho, Espirito, e Pae, tres e um sómente,
Que extrahiste do chaos, do pó, do nada
O sol dourado, a lua prateada,
O racional, e irracional vivente;

Eterno, justo, immenso, omnipotente,
Que occupas essa abobada estrellada,
Gran'Ser, de cuja força illimitada
A machina do mundo está pendente;

Tu, que, se queres, furacão violento,
Sumatra feia, tempestade escura
Desatas, e subjugas n'um momento;

Creador, que remiste a creatura:
Quebra o furor do tumido elemento,
Que nos abre no inferno a sepultura!

CCIX

O' rei dos reis, ó árbitro do mundo,
Cuja mão sacro-santa os maus fulmina,
E a cuja voz terrifica, e divina
Lucifer treme no seu chaos profundo!

Lava-me as nódoas do peccado immundo,
Que as almas cega, as almas contamina:
O rosto para mim piedoso inclina,
Do eterno imperio teu, do céo rotundo:

Extende o braço, a lagrimas propicio,
Solta-me os ferros, em que choro e gemo
Na extremidade já do precipicio:

De mim proprio me livra, ó Deus supremo!
Porque o meu coração propenso ao vicio
E', senhor, o contrario que mais temo.

Digitized by Google

CCX

Se te adornas de sã philosophia,
E pio coração, porque o desmentes,
Mantendo contra as lindas innocentes
Perante a série mãe tenaz porfia?

Se um caracter ingenuo desafia
Tua voz a dizer tudo o que sentes,
Considera tambem que tens presentes
A virtude, a belleza, a fidalguia.

Despindo a magistral severidade
Confessa que de uns olhos a brandura
E' carta de favor, que persuade:

Sê digno preceptor, mas com doçura:
Mil desculpas merece a tenra edade,
E mil adorações a formosura.

CCXI

O filho do Gran'Rei, que a monarchia
Tem lá nos Céos, e que de si procede,
Hoje mudo e submisso á furia cede
De um povo, que foi seu, que á morte o guia:

De trevas, de pavor se veste o dia,
Inchado o mar o seu limite excede,
Convulsa a terra por mil boccas pede
Vingança de tão nova tyrannia:

Sacrilego mortal, que espanto ordenas,
Que ignoto horror, que lugubre apparato!...
Tu julgas teu juiz!... Teu Deus condemnas!

Ah! Castigae, senhor, o mundo ingrato:
Caiam-lhe as maldições, chovam-lhe as penas,
Tambem eu morra, que tambem vos mato.

Digitized by Google

CCXII

Se considero o triste abatimento
Em que me faz jazer minha desgraça,
A desesperação me despedaça
No mesmo instante o fragil soffrimento:

Mas subito me diz o pensamento
Para applacar-me a dôr, que me trespassa,
Que este, que trouxe ao mundo a lei da graça,
Teve n'um vil presepe o nascimento:

Vejo na palha o redemptor chorando,
Ao lado a mãe, prostrandos os pastores,
A milagrosa estrella os reis guiando:

Vejo o morrer depois, ó peccadores,
Por nós, e fecho os olhos adorando
Os castigos do Céo como favores.

CCXIII

Nos campos o villão sem sustos passa,
Inquieto na côrte o nobre mora;
O que é ser infeliz aquelle ignora,
Este encontra nas pompas a desgraça:

Aquelle canta e ri; não se embaraça
Com essas cousas vãs que o mundo adora:
Este (ó cega ambição!) mil vezes chora,
Porque não acha bem que o satisfaça:

Aquelle dorme em paz no chão deitado,
Este do eburneo leito precioso
Nutre, exaspera velador cuidado:

Triste, sae do palacio majestoso;
Se has de ser cortezão, mas desgraçado,
Antes ser camponez, e venturoso!

Digitized by Google

IN MEMORIAM
Joaquim Borges de Menezes

CCXIV

Tu de quantos dragões o inferno encerra
És o peor, Inveja pestilente!
Morde a virtude, ao merito faz guerra
Teu detestavel, teu maligno dente:

Athenas por teu mando iniquamente
O defensor Themistocles desterra;
O gran'Pacheco, o raio do Oriente,
Por ti cruel, sem funeraes se enterra:

Lividas gôttas de infernal peçonha
Cuspiste sobre o nectar, que a ventura
Por mãos de neve me offereceu risonha:

E depois de tragar-me a Parca dura,
Ha de ir ainda a tua voz medonha
Minha cinza affrontar na sepultura.

CCXV

Tu, por Deus entre todas escolhida,
Virgem das virgens, tu, que do assanhado
Tartareo monstro com teu pé sagrado
Esmagaste a cabeça entumecida:

Dôce abrigo, santissima guarida
De quem te busca em lagrimas banhado,
Corrente com que as nodoas do peccado
Lava uma alma, que geme arrependida:

Virgem, d'estrellas nitidas c'roada,
Do Espirito, do Pae, do Filho Eterno
Mãe, filha, esposa, e mais que tudo amada:

Valha-me o teu poder, e amor materno;
Guia este cego, arranca-me da estrada,
Que vae parar ao tenebroso inferno?

Digitized by Google

CCXVI

Senhor, que estás no Céo, que vês na terra
Meu fragil coração desfeito em pranto,
Pelas ancias mortaes, o ardor, o encanto
Com que lhe move Amor, terrivel guerra:

Já que poder immenso em ti se encerra,
Já que aos ingenuos ais attendes tanto,
Soccorre-me entre os santos sacro-santo,
Criminosas paixões de mim desterra:

Fugir aos laços de um gentil semblante
Não posso eu só: da tua mão preciso,
Com que prostou David o atroz gigante:

Fira-me a contricção, torne-me o siso,
Acode-me, Senhor, põe-me deante
"Morte, Juizo, Inferno e Paraiso„.

CCXVII

Miseranda Innocencia és nome abstracto,
És um titulo vão da humanidade;
Quando se envolve em sombras a verdade,
Quando soffres do crime o duro tracto:

Que importa que eu conserve o peito intacto
Das peçonhentas fezes da maldade:
Que em cumprir tuas leis, ó probidade,
Fôsse meu coração fiel e exacto?

Que importa, se a calumnia m'o desmente,
Se o ser do parecer é tão diverso,
E em vão se oppõe o interno ao apparente?

Opinião, rainha do universo,
Ante o teu tribunal omnipotente
Socrates impio foi, e eu sou perverso!

Digitized by Google

CCXVIII

N'este horrivel sepulcro da existencia
O triste coração de dôr se parte;
A mesquinha razão se vê sem arte,
Com que dorme a phrenetica impaciencia:

Aqui pela oppressão, pela violencia
Que em todos os sentidos se reparte,
Transitorio poder quer imitar te,
Eterna, vingadora omnipotencia!

Aqui onde o que o peito abrange, e sente
Na mais ampla expressão acha estreiteza,
Negra idéa do abysmo assombra a mente.

Differe acaso da infernal tristeza
Não vêr terra, nem céo, nem mar, nem gente,
Ser vivo, e não gosar da natureza?

CCXIX

Sonho cruel o espirito inquieto
Me arrebatou a incognita morada;
Era de bronze a temerosa entrada,
De bronze o pavimento, o muro, o tecto:

Ente disforme, de rugoso aspecto,
D'alto assento me diz com voz pesada:
"Té que do meu furor te abrigue o nada,
Fulminei contra ti este decreto:

"Os fóros perderás da humanidade,
Teus flagellos serão teus semelhantes,
Hão de extorquir te a gloria e a liberdade:"

N'isto accordo c'os membros titubantes:
Assim temeste, ouvindo, ó ferrea Edade,
A queda horrenda, que esmagou gigantes.

Digitized by Google

CCXX

Minh'alma quer luctar com meu tormento;
Contenda inutil! É por elle o fado:
Apenas de opprimir-me está cansado
Eterna força lhe refaz o alento:

Mais vale que delire o pensamento
Té agora co'a Razão debalde armado;
É menos triste, menos duro estado
A Desesperação, que o soffrimento:

A Desesperação soluça e chora,
A Desesperação mil ais desata,
Parte do mal nas queixas se evapora:

O Soffrimento azeda o que recata;
Prende suspiros, lagrimas devora,
Tyrannisa, consome, e ás vezes mata.

CCXXI

Vós, crédulos mortaes, allucinados
De sonhos, de chimeras, de apparencias,
Colheis por uso erradas consequencias
Dos acontecimentos desastrados:

Se á perdição correis precipitados
Por cegas, por fogosas impaciencias,
Indo a cahir, gritaes que são violencias
D'inexoraveis céos, de negros fados:

Se um celeste poder tyranno, e duro,
As vezes extorquisse as liberdades,
Que prestava, ó Razão, teu lume puro?

Não forçam corações as divindades;
Fado amigo não ha, nem fado escuro:
Fados são as paixões, são as vontades.

Digitized by Google

CCXXII

Tenho assás conservado o rosto enxuto
Contra as iras do Fado omnipotente;
Assás comtigo, ó Socrates, na mente
A' dôr neguei das queixas o tributo:

Sinto engelhar-se da constancia o fructo,
Cae no meu coração nova semente;
Já me não vale um animo innocente;
Gritos da natureza! Eu vos escuto.

Jazer mudo entre as garras da Amargura,
D'alma estoica aspirar á vã grandeza,
Quando orgulho não fôr, será loucura.

No 'spirito maior sempre ha fraqueza,
E, abafada no horror da desventura,
Cede a philosophia á natureza.

CCXXIII

Não sou vil delator, vil assassino,
Impio, cruel, sacrilego, blasphemo;
Um Deus adoro, a eternidade temo,
Conheço que ha vontade, e não destino;

Ao saber, e á virtude a fronte inclino;
Se chora e geme o triste, eu choro, eu gemo;
Chamo á beneficencia um dom supremo;
Julgo a dôce amizade um bem divino:

Amo a patria, amo as leis, precisos laços
Que mantéem dos mortaes a convivencia,
E de infames grilhões ouço ameaços!

Vejo-me exposto á rigida violencia,
Mas folgo; e canto, e durmo nos teus braços,
Amiga da Razão, pura Innocencia.

Digitized by Google

CCXXIV

Queimando o véo dos seculos futuros
O vate, acceso em divinaes luzeiros,
Assim cantou (e aos echos pregoeiros
Exultaram, Sion, teus sacros muros):

"O justo descerá dos astros puros
Em deleitosos, candidos chuveiros,
As feras dormitarão com os cordeiros,
Suarão dôce mel carvalhos duros;

A virgem será mãe; vós dareis flôres,
Brenhas intensas, em remotos dias;
Porás fim, torva guerra, a teus horrores."

Não, não sonhou o altisono Isaias;
Ó reis, ajoelhae, correi, pastores!
Eis a prole do Eterno, eis o Messias!

CCXXV

Aquelle, que domina os céos brilhantes,
Artifice da machina estrellada,
Ante cuja grandeza os reis são nada,
Átomo a terra, os seculos instantes:

O Deus, que contra os vicios negrejantes
Pela voz dos trovões ao homem brada,
Da misera virtude atropelada
Vinga os tristes suspiros penetrantes:

Sem que o mortal com lagrimas o peça,
Juiz imparcial, juiz superno
Na causa do innocente se interessa:

Manda-te resurgir do horror eterno,
Devorante remorso! Em ti começa
O supplicio dos máus, dos máus o inferno.

Digitized by Google

IN MEMORIAM
Joaquim Borges de Menezes

CCXXVI

A frente, que de louro ergui cingida,
Ufana do louvor, e da innocencia,
Jaz por effeito d'horrida apparencia,
Curvada pelo opprobrio, e denegrida:

De mil gratos objectos guarnecida
Rutilava a meus olhos a existencia;
Hoje, amavel Prazer, na tua ausencia
Parece aos olhos meus um ermo a vida.

De quantas côres se matiza o Fado!
Nem sempre o homem ri, nem sempre chora,
Mal com bem, bem com mal é temperado;

Os estados variam de hora em hora!
Sabio o mortal, que em um, que em outro estado
(Disposto a tudo) a Providencia adora!

CCXXVI

Aqui, onde arquejando estou curvado
Á lei, pesada lei, que me agrilhôa,
De lugubres idéas se povôa
Meu triste pensamento horrorisado:

Aqui não brame o Noto annuveado,
O Zephyro macio aqui não vôa,
Nem zune insecto aligero, nem sôa
Ave de canto alegre, ou agourado;

Expelliu-me de si a humanidade,
Tu, astro bemfeitor da redondeza,
Não despendes commigo a claridade:

Só me cercam phantasmas da tristeza:
Que silencio! Que horror! Que escuridade!
Parece muda, ou morta a natureza.

Digitized by Google

CCXXVIII

Tão negro como a turba que vagueia
Na margem do Cocyto á luz odioso,
O bando de meus males espantoso
No sepulcro dos vivos me rodeia.

Qual me abala os fuzis da vil cadeia,
Qual me afigura um rotulo affrontoso,
Qual me diz (ai de mim!) que fui ditoso;
Eis d'elles todos o que mais me anceia.

Tomara reforçar pela amargura
Meu ser, que anda c'os fados tão malquisto,
Tomara costumar-me á desventura:

Esquecer-me do bem gosado, e visto,
Pensar que a natureza é sempre escura,
Que é geral este horror, que o mundo é isto.

CCXXIX

Ó vós que lamentaes d'Elmano a sorte,
Crendo na escura terra o corpo frio,
E os manes já sulcando o mudo rio,
Na barca immensa de geral transporte:

Sabei que o dôce, inevitavel corte
Lhe foge da existencia ao tenue fio;
E que seria em vós dever mais pio
Chorar-lhe a vida, que chorar-lhe a morte:

Existindo agonisa um desgraçado;
Quem lagrimas nas cinzas lhe derrama
Parece que o queria atormentado;

Vive, mas pela morte Elmano chama,
Com suspiros Elmano implora ao fado
Que seja voz de agouro a voz da fama.

Digitized by Google

IN MEMORIAM
Joaquim Borges de Menezes

CCXXX

Meus dias, que já fôram tão luzentes,
Hoje da noite opaca irmãos parecem;
Meus dias miseraveis emmurchecem
Longe do gosto e longe dos viventes:

Horror das trevas, pêso das correntes
Olhos, fôrças me abatem, me entorpecem:
E apenas por momentos me apparecem
Rostos sombrios de intractaveis entes:

Pagam-se da rugosa austeridade;
Antolha-se-lhe um crime, um attentado
Soffrer nos corações a humanidade:

Voae, voae do céo para meu lado,
Ah! Vinde, dôce Amor, dôce amizade,
Sou tão digno de vós, quão desgraçado.

CCXXXI

Victima do rigor, e da tristeza,
Em negra estancia, em carcere profundo,
O mundo habito sem saber do mundo,
Como que não pertenço á natureza:

Emquanto pela vasta redondeza
Vae sôlto o crime infesto, o vicio immundo,
Eu (não perverso) em pranto a face inundo,
Do grilhão supportando a vil dureza:

Mas no bojo voraz da desventura,
Monstro por cujas fauces fui tragado,
Em parte um pensamento a dôr me cura:

O infeliz (não por culpa, só por fado)
N'aquelles corações em que ha ternura,
É mais interessante, é mais amado.

Digitized by Google

CCXXXII

Para as sombras da morte aqui me ensaio
Na habitação da culpa e do desdouro;
Lendo no mal presente o mal vindouro,
Aqui choro, aqui tremo, aqui desmaio:

Por imagens fataes a idéa espraio,
Negreja n'uma, e n'outra infausto agouro;
Phebo! Ó Phebo! Ai de mim! Teu sacro louro
A fronte não me escuda contra o raio.

Sou victima de asperrima violencia,
Sem ter quem dos meus males se lastime
N'este horrivel sepulcro da existencia:

Mas pêso dos remorsos não me opprime;
A sussurante, a vil Maledicencia
D'erros dispersos me organisa o crime.

CCXXXIII

Do tempo sobre as azas volve o dia,
O ponto do meu triste nascimento;
Vedado á luz do sol este momento,
Furias, com vossos fachos se allumia!

Nascido apenas, pavorosa harpia
Ao berço me voou de immundo alento;
Empestando o miserrimo aposento,
Eis me roga esta praga horrenda, impia:

"Esteja sempre o bem de ti remoto.
Vivas sempre choroso, amargurado,
Damne teus dias o destino immoto."

Cahiu-me a imprecação do monstro alado,
Curto mil males, e entre sombras noto
Outros com que me espera ao longe o fado.

Digitized by Google

CCXXXIV

Nescia, vil ignorancia, injuriada
Dos vivas, que meu estro me grangeia,
Desce aos infernos, e a calumnia feia
Bramindo extrae da lobrega morada:

Do monstro de cem bôccas escoltada
Por aqui, por alli, corre, vagueia,
Em meu nome de lar em lar semeia
Agro dicterio, satira damnada:

Em cynico furor me finge acceso,
Venenoso, mordaz, impio me chama,
Diz que o jugo de um rei, de um Deus desprezo

Mas sempre, sobranceiro á baixa trama,
Das patrias justas leis me é dôce o peso,
Amo a religião, e aspiro á fama.

CCXXXV

Pela voz do trovão corisco intenso
Clama, que á natureza impera um ente,
Que cinge do aureo dia o véu ridente,
Que veste d'atra noite o manto denso:

Pasmar na immensidade, é crer o immenso;
Tudo em nós o requer, o adora, o sente;
Provam te os olhos, ouvidos, peito e mente?
Numem, eu ouço, eu olho, eu sinto, eu penso!

Tua idéa, ó gran'Ser, ó Ser divino,
Me é vida, se me dão mortal desmaio
Males que soffro, e males que imagino:

Nunca impiedade em mim fez bruto ensaio
Sempre (até das paixões no desatino)
Tua clemencia amei, temi teu raio.

Digitized by Google

CCXXXVI

Lá quando a tua voz deu ser ao nada,
Fragil creaste, ó Deus, a natureza;
Quizeste que aos encantos da belleza
Amorosa paixão fôsse ligada:

A's vezes em seus gostos desmandada,
Nos excessos desliza-se a fraqueza;
Fingem-te então com impeto e braveza
Erguendo entre nós a dextra armada:

O' almas sem accôrdo, e sem brandura,
Falsos orgãos do Eterno! Ah!... Profanae-o,
Dando-lhe condição tyranna e dura!

Trovejae, que eu não tremo, e não desmaio;
Se um Deus fulmina os erros da ternura,
Uma lagrima só lhe apaga o raio.

CCXXXVII

Um Ente, dos mais entes soberano,
Que abrange a terra, os céos, a eternidade;
Que difunde annual fertilidade,
E aplana as altas serras do oceano:

Um numen só terrivel ao tyranno,
Não á triste mortal fragilidade;
Eis o Deus, que consola a humanidade,
Eis o Deus, da razão, o Deus d'Elmano:

Um despota de enorme fortaleza,
Prompto sempre o rigor para a ternura,
Raio sempre na mão para a fraqueza:

Um creador funesto á creatura;
Eis o Deus que horrorisa a natureza,
O Deus do fanatismo, ou da impostura.

Digitized by Google

IN MEMORIAM
Joaquim Borges de Menezes

CCXXXVIII

Eis da virtude o templo rutilante!
Sacerdote ancião, de rubra veste,
Compassa pelo cantico celeste
Meneado thuribulo fumante:

Do pio aroma, do vapor fragrante
O giro salutar consome a peste
Do vicio, que debalde encara, investe
Turba d'heroes ás aras circumstante:

No solio majestoso a deusa abrindo
Aos alumnos fieis almo thesouro,
Dobra o preço a seus dons em dar sorrindo:

E á porta, que volteia em quicios d'ouro,
A inveja prenhe d'aspides, bramindo,
"Extrae da gloria alheia o seu desdouro."

CCXXXIX

Dos negros mausoléos a deusa escura,
Que o véo desdobra do funereo dia,
Já Marilia sumiu na estancia fria,
Deu mais um triste exemplo á formosura:

Soltou-se alma gentil, vida immatura,
Do corpo, que em mil graças florescia;
Saudade perennal geme, e avalia
Thesouro, de que é cofre a sepultura:

Chora, dôce Tirséa, encanto amado!
Feliz essa corrente maviosa,
Se lagrimas pudessem mais que o fado!

Se aos chôros te surgisse a irmã formosa,
Qual em ermo jardim desamparado
Aos prantos da manhã revive a rosa.

Digitized by Google

CCXL

Tributo em ais no coração gerados
Não dês á cara cinza, afflicto esposo;
Roçam da vida o circulo afanoso
Caminhos florescentes, e estrellados:

Espiritos gentis, por Jove amados,
Volvendo a seu principio luminoso,
Olham sol não crestante, e mais formoso,
Vagueiam sem temor por entre os fados.

Com alta phantasia, e rosto enxuto,
Vê nos Elysios a immortal consorte,
Vê da virtude a flôr tornar-se em fructo;

Dôce, augusta Verdade, Amor conforte;
Em vôs, ó impios, a existencia é lucto,
E' nos eleitos um sorriso a morte.

CCXLI

O' tu, que tens no seio a eternidade,
E em cujo resplendor o sol se accende,
Grande, immutavel ser, de quem depende
A harmonia da etherea immensidade!

Amigo, e bemfeitor da humanidade,
Da mesma que te nega, e que te offende,
Manda ao meu coração, que á dôr se rende,
Manda o refôrço d'efficaz piedade.

Oppressa, consternada a natureza
Em mim com vozes languidas te implora,
Orgãos do sentimento, e da tristeza:

A tua intelligencia nada ignora,
Sabes que, de alta fé minha alma accesa,
Té nas angustias o teu braço adora.

Digitized by Google

IN MEMORIAM
Joaquim Borges de Menezes

CCXLII

Já com ténue clarão, já quasi escura
A nocturna Diana o céo volteia,
E sobre o Tejo azul, que mal prateia,
Vae duplicando a trémula figura:

Aura subtil nas arvores murmura,
No lago adormecido a rã vozeia,
Mocho importuno agouros mil semeia,
D'entre as umbrosas moutas da espessura:

Letargico vapor Morpheu derrama,
Com que insinua um dôce desalento
No livre coração de quem não ama:

Triste de mim! Se repousar intento
Os olhos me abre Amor, Amor me inflamma,
E Analia me persegue o pensamento.

CCXLIII

Vós, que de meus extremos sois a historia,
Versos, por negro zoilo em vão roubados,
Nascidos da ternura, e restaurados
C'o prompto auxilio de fiel memoria:

Da Inveja conseguindo alta victoria
Ide, meus versos, em Amor fiados,
Que d'elle só dependem vossos fados,
Que n'elle só demando a minha gloria:

Não vos importe o publico juizo;
Da voz, que pelo mundo se derrama,
Os vivas caprichosos não preciso.

Voae aos olhos, cuja luz me inflamma;
Tereis de Anarda approvador sorriso,
Um sorriso de Anarda é mais que a Fama.

Digitized by Google

CCXLIV

Cantor, que a fronte erguia engrinaldada
Comvosco, idalias, c'rôas, myrtho, e rosas,
Que viu por mão das tagides formosas
D'aljofares a lyra, e d'ouro ornada:

Mente, d'ethereos dons abrilhantada,
Que sôlta em producções, louçãs, pomposas,
Surgiu, voou com azas luminosas
Ante o bando, que vae de rôjo ao nada:

Estro, opulento do phebeo thesouro
(Já dos epicos sons talvez no ensaio)
Ouviu sahir das trévas triste agouro:

Seu fado o fulminou, bateu-lhe o raio
A' sombra tua (ai dôr!) lá mesmo, ó louro!
Chorae o, Amores! Tagides, chorae-o!

CCXLV

Se o Destino cruel me não consente
Que o ferro nú brandindo irado, e forte,
Lá nos horrendos campos de Mavorte
De louros immortaes guarneça a frente:

Se prohibe que em solio refulgente
Faça os povos felizes, de tal sorte
Que o meu nome apesar da negra morte
Fique em padrões e estatuas permanente:

Se as suas impias leis inexoraveis
Não querem que os mortaes em alto verso
Contem de mim façanhas memoraveis:

Submisso á má ventura, ao fado adverso,
Ao menos por desgraças lamentaveis
Terei perpetua fama no universo.

Digitized by Google

CCXLVI

Em vão, para tecer-me um lêdo engano,
Philosopho ostentoso industrias cansa:
Diz-me em vão, que exhalando-se a esperança,
Repousa na apathia o peito humano:

O nauta a sossobrar no pégo insano
Vê rir-se ao longe a cérula bonança;
A mente esperançosa enfreia, amansa
Os roncos, e as bravezas do oceano:

Se nos miseros cáe da mão dos fados
O negro desengano, eil-os anciosos,
E á desesperação, e á furia dados!...

Dourae-nos o porvir, ó Céos piedosos!
Justos Céos! Dêm sequer jardins sonhados
As flôres da ventura aos desditosos!

CCXLVII

No abysmo tragador da Humanidade
(D'ella, d'ella não só, de quanto existe)
Co'a mesma rapidez, Elmano, ah! viste
Sumir se a florescente, e a murcha edade

Olha em muros, que veste a escuridade,
Olha a côr de teu fado, a côr mais triste:
Talvez (agora!.. agora! .) elle te aliste
No volume, em que lê a eternidade!

Ó tochas funereas! Clarão medonho!
Da morte, ó mudas, solitarias scenas!
Em vós arripiado os olhos ponho!...

Ah! Por que tremes, louco? Ah! Por que penas?
Sonhas n'um ermo, e surgirás do sonho
Em climas d'ouro, em regiões amenas.

Digitized by Google

CCXLVIII

Se o grande, o que nos orbes diamantinos
Tem curvos a seus pés dos reis os fados,
Novamente me der vêr animados
De modesta ventura os meus destinos:

Se accordarem na lyra os sons divinos,
Que dormem (já da gloria não lembrados),
Ao côro eterno, candidos e alados
Honrar com elle um Deus ireis, meus hymnos:

Mas, da humana carreira inda no meio,
Se a debil flôr vital sentir murchada
Por lei que envôlta na existencia veiu;

Co'a mente pelos céos toda espraiada,
Direi, d'eternidade ufano e cheio:
"Adeus, ó mundo! ó natureza! ó nada!"

CCXLIX

Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel de paixões, que me arrastava;
Ah! cego eu cria, ah! misero eu sonhava
Em mim quasi immortal a essencia humana:

De que innumeros sóes a mente ufana
Existencia falaz me não dourava!
Mas eis succumbe a Natureza escrava
Ao mal, que a vida em sua orgia damna.

Prazeres, socios meus, e meus tyrannos!
Esta alma, que sedenta em si não coube,
No abysmo vos sumiu dos desenganos.

Deus, ó Deus!... Quando a morte á luz me roube
Ganhe um momento o que perderam annos,
Saiba morrer o que viver não soube.

Digitized by Google

IN MEMORIAM
Joaquim Borges de Menezes

CCL

Já Bocage não sou!... Á cova escura
Meu estro vae parar desfeito em vento...
Eu aos Céos ultrajei! O meu tormento
Leve me torne sempre a terra dura:

Conheço agora já quão vã figura
Em prosa e verso fez meu louco intento:
Musa!... Tivera algum merecimento
Se um raio da razão seguisse pura!

Eu me arrependo; a lingua quasi fria
Brade em alto pregão á mocidade,[1]
Que atraz do som phantastico corria:

Outro Aretino fui... A santidade
Manchei!... Oh! se me crêste, gente impia,
Rasga meus versos, crê na eternidade!

FIM

Digitized by Google

Digitized by Google

ALFREDO KEIL

TOJOS E ROSMANINHO

[OBRA POSTHUMA]

Esta magnifica obra consta de um esplendido volume de mais 150 paginas, impresso em papel *couché* de optima qualidade e adorn com 33 bellissimas gravuras, 18 phototypias, além do retrato do auc e um prefacio de D. João da Camara.

A obra completa dividir-se-ha em 20 fasciculos quizenaes co tando cada um de 16 paginas de texto e a phototypia correspondei

Todos os fasciculos serão resguardados por uma capa, que inser um coupon com o numero do mesmo, que os nossos estimaveis assign tes colleccionarão, e a apresentação dos 20 coupons dá direito a u capa de encadernação dos **Tojos e Rosmaninhos** impress 8 côres em percalina, que deliberamos offerecer como

Brinde a todos os srs. assignantes

Apesar das enormes despezas d'esta sumptuosa publicação o pre dos fasciculos é apenas de

200 réis cada um, em Lisboa e Porto pagos no acto da entrega

Nas demais terras do paiz, pagamento **adeantado** ás series 2, 3, ou mais fasciculos. As despesas de remessa são á custa d'«A E tora», e a distribuição de cada fasciculo é feita nos dias 10 e 25 cada mez.

Pedidos de assignatura podem ser feitos á

"A EDITORA"

Administração em Lisboa — **50, Largo do Conde Barão, 5**

Depositarios no Porto: **Lello & Irmão, 144, Carmelitas e Magalhães & Moniz, L.da, 11 a 14, Loyos**

assim como a todas as livrarias e a todos os correspondentes d'«A Ed

Digitized by Google

Digitized by Google

IN MEMORIAM
Joaquim Borges de Moraes

Esta loja é afamada em todo o condado d'Alameda e Contra Costa por ser a maior d'esta cidade, a mais completa, fornecida das ultimas modas.

Tem um só preço; os caixeiros attenciosos.

O sr. João Gomes, ha muitos annos empregado n'esta casa, convida todo o portuguez d'estes arredores a ve-lo antes de fazerem suas compras.

Vestimentas, Roupa de Dentro, Calçado, Chapeus, Malas.

Chas. J. Heeseman
1107-1113 Washington St.
OAKLAND, — — — CAL.

Digitized by Google